A colorful illustration of various people engaged in reading and technology use. On the left, a person in a red and orange outfit uses a tablet, while others hold books. On the right, a person in purple pants and yellow shoes reads a book, and another uses a laptop. The background is white with a light brown floor.

RAFAELA SOARES MENDONÇA
LUCIANA CAMPOS DE OLIVEIRA DIAS

MEMÓRIAS DE UM CLUBE DE LEITURA JUVENIL:
da concepção às práticas sociais

Anápolis
2019

FICHA TÉCNICA

Editorial

Textos: Rafaela Soares Mendonça

Coautoria: Luciana Campos de Oliveira Dias

Colaboração: Clube de Leitura *Litteratus*



Projeto Gráfico: Rafaela Soares Mendonça e Valter dos Santos Mendonça Neto

Editoração e Ilustrações: Rafaela Soares Mendonça

Finalização e desenvolvimento de ilustrações: Valter dos Santos Mendonça Neto

Créditos sobre as imagens do E-book: Freepik



Este trabalho está licenciado sob uma [Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)

M539j Mendonça, Rafaela Soares.

Memórias de um Clube de Leitura juvenil: da concepção às práticas sociais / Rafaela Soares Mendonça, Luciana Campos de Oliveira Dias. – 2019.

52 f.: il.: color

Produto Educacional da Dissertação - Jovens do Ensino Médio Integrado como leitores e pronunciadores do mundo: a biblioteca como espaço de produção de narrativas de leituras (Mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Anápolis, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT, 2019.

1. Clube de Leitura. 2. Jovens leitores. 3. Mediação - leitura. 4. Leitura - narrativas. I. Dias, Luciana Campos de Oliveira. II. Título.

CDU 028-053.6(812.1)



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
INÍCIO DE CONVERSA	4
CAPÍTULO 1	6
CLUBE DE LEITURA: (re) começo	6
O que é o Clube de leitura?	6
Onde e como organizar um Clube de leitura?	7
Por que criar um Clube de leitura?	8
Para que/quem criar o Clube de leitura?	8
CAPÍTULO 2	11
A MEDIAÇÃO DA LEITURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES	11
Quem é o mediador de leitura?	11
A leitura na família	12
A leitura na escola	13
A leitura na biblioteca	14
A mediação da leitura para a formação do jovem leitor de mundo	15
Mas, afinal, o que é leitura literária?	17
A cultura e a leitura como elementos de emancipação do jovem leitor	20
CAPÍTULO 3	26
PRÁTICAS DE LEITURA: (inter) ações e (re) encontros	26
CAPÍTULO 4	40
NARRATIVAS DE LEITURA: (re) produção de sentidos	40
O narrar a si da pesquisadora	40
O eco nas vozes plurais dos leitores	43
REFERÊNCIAS	50

APRESENTAÇÃO

Caríssimo (a) leitor (a),

Este escrito é um produto educacional fruto da pesquisa de mestrado intitulada “**Jovens do Ensino Médio Integrado como leitores e pronunciadores do mundo: a Biblioteca como espaço de produção de narrativas de leituras**”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação a nível de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Anápolis.

Trata-se de uma produção colaborativa que descreve os procedimentos para a criação e dinamização de um Clube de leitura, bem como, a descrição de práticas culturais e sociais de leitura e formação de leitores. O intuito dessa obra é, por meio das práticas sociais de leitura, estimular o jovem leitor a buscar autonomia e tornar-se crítico e consciente frente à sua atuação no mundo.

A fim de que os leitores não apenas leiam, mas que também sejam lidos, o produto educacional conta com participação ativa de jovens leitores que, através da construção de sentidos daquilo que leem, se propõem a escrever e narrar suas percepções e fazer suas próprias releituras. A partir de suas vivências e leituras de mundo e, por meio da partilha e socialização dos seus escritos, os jovens revelam ações concretas da influência das práticas de leitura e formação de leitores para aquisição da criticidade.

Esta criação é uma produção de muitas mãos, ou seja, possui como partícipes e copartícipes não apenas a pesquisadora que vos escreve, mas também, os jovens leitores do Clube de Leitura. Neste sentido, todos engajam-se numa mesma perspectiva: contribuir para o fomento à leitura. Diante disso, este produto visa auxiliar mediadores da leitura (professores, bibliotecários, pais, familiares, dentre outros) à sistematização de um Clube de Leitura que verse sobre a formação de jovens leitores, como sujeitos críticos, conscientes e reflexivos.



INÍCIO DE CONVERSA

A elaboração deste *e-book* tem como objetivo descrever a consolidação de um Clube de leitura desde sua concepção à sua dinamização, perpassando pelo registro escrito das práticas culturais de leitura, como também das memórias juvenis decorrentes de experiências leitoras, com vistas à contribuir para a mediação da leitura e formação de leitores.

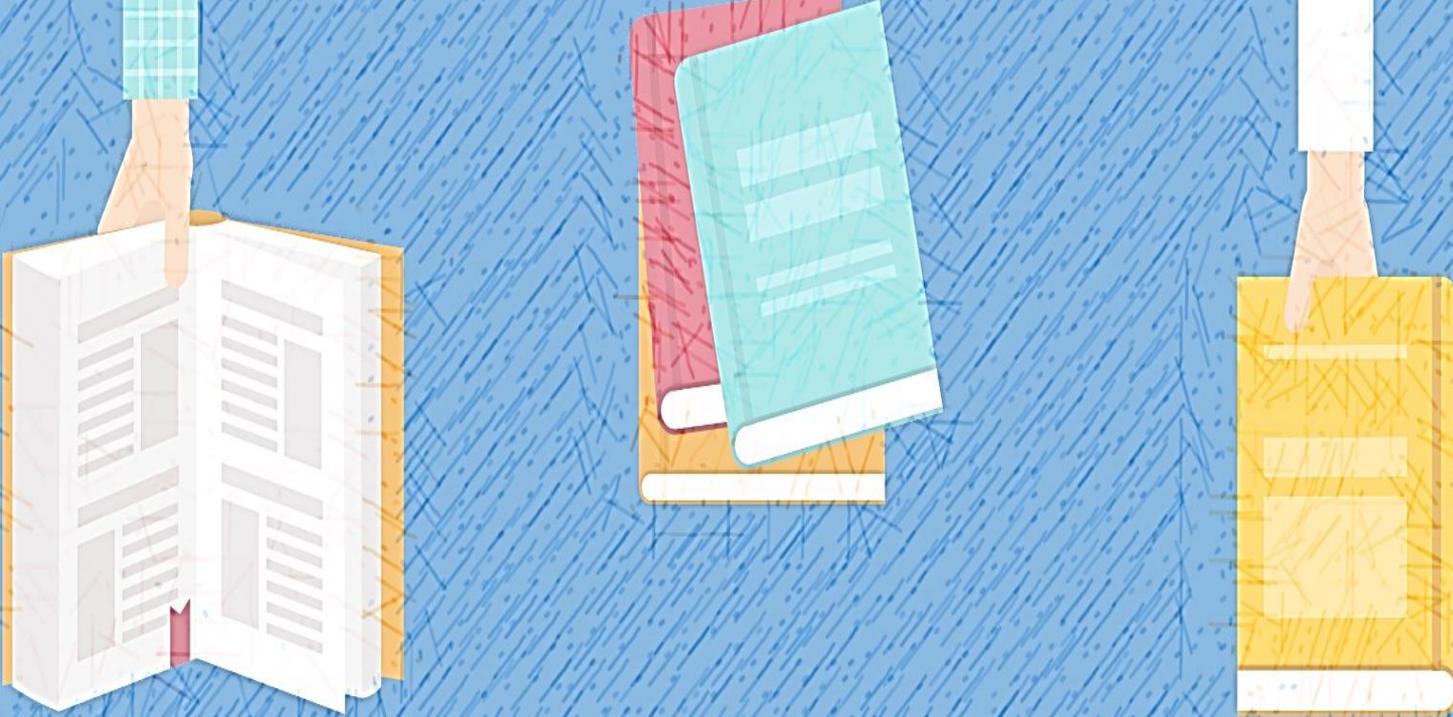
É fundamental entender a leitura como um elemento indispensável para a aquisição do conhecimento. E, ao perpassar tempos e espaços que vão além de fronteiras geográficas, é possível vislumbrar que por meio dos recursos tecnológicos os leitores das novas gerações, especialmente os jovens, adquirem maior aproximação e acesso à leitura.

À medida em que as possibilidades de leitura se expandem, percebe-se as nítidas transformações nos perfis dos jovens leitores, estes que ao passo que leem aprimoram suas concepções de mundo e suscitam um olhar atento aos diferentes contextos que lhes cercam. Assim, este produto é um bem cultural fruto de uma construção humana coletiva, vinculada ao contexto dos jovens leitores e suas relações com as práticas educativas de leitura dentro e fora do ambiente escolar.

No bojo do acesso à informação, esta obra, além de viabilizar a obtenção de conhecimentos sobre a criação de um Clube de leitura, acerca da mediação da leitura para a formação do jovem leitor de mundo e sobre as práticas de leitura juvenis, também possibilita a apreciação às narrativas dos jovens sobre suas experiências leitoras e suas diferentes visões de mundo. Nessa construção destaca-se o reconhecimento do potencial da biblioteca como espaço para a promoção da igualdade no acesso ao conhecimento e a importância da leitura literária para a (in)formação e estímulo ao desenvolvimento da prática leitora, contribuindo para a criação de condições para a formação de leitores críticos.

Espera-se, que a partir deste recurso, amplie-se o seu olhar diante da relevância da leitura de forma mais efetiva e que as sugestões de ações aqui descritas, possibilitem o conhecimento e o deleite que somente a experiência com a leitura literária pode oferecer. Não se trata de uma sequência rígida de ações, mas, consiste na descrição de práticas que podem direcionar o mediador da leitura a realizar de forma crítica e criativa atividades que possibilitem o desenvolvimento da compreensão leitora no jovem do Ensino Médio.

Ao término da obra, não se pretende fechar o leque das possibilidades, mas, acredita-se que este produto contribuirá para a construção de uma sociedade leitora, pois, por meio da leitura é possível almejar uma sociedade mais crítica, justa, solidária e participativa!

An illustration at the top of the page shows three hands holding books. On the left, a hand in a green and white plaid shirt holds an open book with white pages and a brown cover. In the center, a hand in a white shirt holds a stack of two books, one red and one teal. On the right, a hand in a white shirt holds a closed yellow book.

CAPÍTULO 1

CLUBE DE LEITURA: (re) começo



CAPÍTULO 1

CLUBE DE LEITURA: (re) começo

O que é o Clube de leitura?

O Clube de leitura consiste no agrupamento de pessoas com objetivos comuns ao desenvolvimento de práticas leitoras, em que seus membros compartilham suas impressões sobre a(s) obra(s) lida(s). Nesse entendimento, a American Library Association (2019) define o Clube de leitura como um grupo de discussão, em que os leitores se reúnem para conversarem sobre as suas experiências de leitura. Os Clubes de leitura podem ser compostos por diferentes públicos: adultos, jovens, adolescentes, crianças, entre outros.

O Clube aqui mencionado é direcionado aos jovens do ensino médio, cujas características são de cunho acadêmico e social. Nesta perspectiva, se estabelecem os seguintes objetivos para o Clube de leitura juvenil:

- Estimular os jovens do ensino médio às práticas sociais de leitura de forma crítica, criativa e recreativa;
- disseminar obras que possibilitem aos leitores a ampliação de sua visão de mundo;
- fomentar a leitura como uma prática de carácter social e comunicacional.



É oportuno destacar que no Clube de leitura as práticas sociais precisam ser conduzidas por um mediador que direcione as reuniões e proporcione aos participantes uma atmosfera favorável para as discussões. No momento da socialização das leituras é fundamental o diálogo com o texto e a valorização do contexto dos participantes, a fim de que os membros participem da discussão (re)produzindo sentidos e os (re)significando

de acordo com suas experiências de vida.

Onde e como organizar um Clube de leitura?

O Clube de leitura pode ser organizado no ambiente escolar ou fora dele, como por exemplo em livrarias, parques, praças, restaurantes, residências, dentre outros ambientes físicos e até mesmo em ambientes virtuais, por meio de discussões em videoconferências, grupos de mensagens de aplicativos, salas de discussão, etc.

Para a organização de um Clube de leitura, inicialmente, deve-se **escolher o tipo de Clube**, se escolar/acadêmico, social ou se voltado para amigos, colegas do trabalho etc. Feito isso, deve-se então, **difundir a ideia** por meio de cartazes, redes sociais, aplicativos de mensagens, comunicados presenciais etc. Durante a divulgação é interessante convidar os leitores e não-leitores também, a fim de estimular nos que não leem o interesse pelas práticas de leitura.

Como já informado, a organização do Clube aqui sugerido é de para jovens em processo de escolarização. Desta forma, os encontros devem ocorrer, preferencialmente, no âmbito escolar, em espaços como a biblioteca, auditório, sala de aula e áreas de vivências. Para a participação no grupo os alunos devem estar devidamente matriculados no ensino médio e realizar a inscrição na biblioteca.

Após a definição do tipo de Clube e realizada a divulgação, as etapas seguintes são: **escolher o lugar para os encontros**: biblioteca, parques, casa de um dos membros etc., e **marcar o encontro inicial**. O Clube deve funcionar em locais previamente definidos pelos participantes, através de reuniões periódicas que podem ser semanais, quinzenais ou mensais, definidas dependendo da disponibilidade de seus membros.

É fundamental **estabelecer uma periodicidade e calendarização das reuniões** para que não haja dispersão e inconstância dos participantes. É importante decidir também, a duração dos encontros, sugere-se que as reuniões durem em torno de 1h a 2h para a discussão não se tornar enfadonha, salvo em casos de oficinas ou quando o debate estiver fluindo, assim o horário pode ser estender gradativamente.

Vale ressaltar, que a frequência e a duração das reuniões devem ser flexíveis e adaptadas levando em consideração a disponibilidade dos membros. No caso do Clube escolar, deve-se evitar o agendamento de reuniões em períodos intensos como os dias de avaliações, de forma que não sobrecarregue e comprometa as atividades de sala de aula.

Estabelecidos os critérios para a participação no Clube e definidos os encontros, o próximo passo é **reunir-se e escolher quais livros ler**. Os membros devem elaborar uma lista

de sugestões de obras a serem lidas, debatidas e discutidas. Escolher vários títulos sobre a mesma temática pode ser muito interessante para estimular o desenvolvimento de diversos pontos de vista. Mas, é válido lembrar que a decisão sobre as obras indicadas deve ser consensual.

Para a indicação da obra, é importante que algum membro já conheça a temática abordada, ou tenha realizado uma leitura prévia da obra, a fim de evitar surpresas desnecessárias. Obras com temáticas do cotidiano dos jovens, com lacunas a preencher, finais a elaborar, costumam instigar as percepções dos leitores e ter bastante aceitabilidade do grupo. Entretanto, deve-se respeitar as diversidades culturais dos jovens, e também, trabalhar com diferentes gêneros, evitando-se priorizar determinadas temáticas ou gêneros que atendam parte do grupo, em detrimento de outros.

Escolhidas as temáticas, parte-se para a **leitura e discussão das obras**. É comum as leituras serem realizadas individualmente e, posteriormente, tornarem-se coletivas e socializadas entre os participantes do Clube.

Por que criar um Clube de leitura?

O Clube de leitura tem como finalidade o exercício do ato de ler como prática democrática, fundamental para a formação do senso crítico e da cidadania do sujeito. Visa também, sensibilizar a comunidade juvenil ao desenvolvimento da compreensão leitora por meio da leitura de obras literárias.

A criação do Clube possibilita a ampliação de práticas promotoras do acesso e da democratização da leitura, contribuindo para a formação de leitores autônomos e conscientes. Além disso, possibilita ao leitor a vivência de emoções e o desenvolvimento da imaginação, através da leitura e interpretação de obras lidas.

Para que/quem criar o Clube de leitura?

O Clube de leitura deve ser pensado para contribuir com o incentivo às práticas leitoras e como elemento para o desenvolvimento da cidadania. Neste sentido, direciona-se aos mais diferentes tipos de sujeitos interessados em participar de discussões críticas e aprofundadas sobre os assuntos suscitados nas obras lidas.

Em se tratando de diferentes tipos de pessoas, é importante ressaltar que a participação no Clube não deve ser condicionada ao gênero, às questões étnico-raciais, à classe social, etc. Convém lembrar também, que deve ser um grupo que se preocupa com a inclusão



de pessoas com diversos tipos de deficiências e adota recursos diversificados para a acessibilidade de seus membros, como por exemplo: utilização de softwares, audiolivros, livros em braile para pessoas com dificuldades visuais e até mesmo a disponibilização de um intérprete de libras para surdos.

A participação no Clube no âmbito educacional deve ser gratuita e, se possível, precisa se estender para toda a comunidade escolar, a fim de disseminar a prática social de fomento à leitura, contribuindo para a formação de leitores.

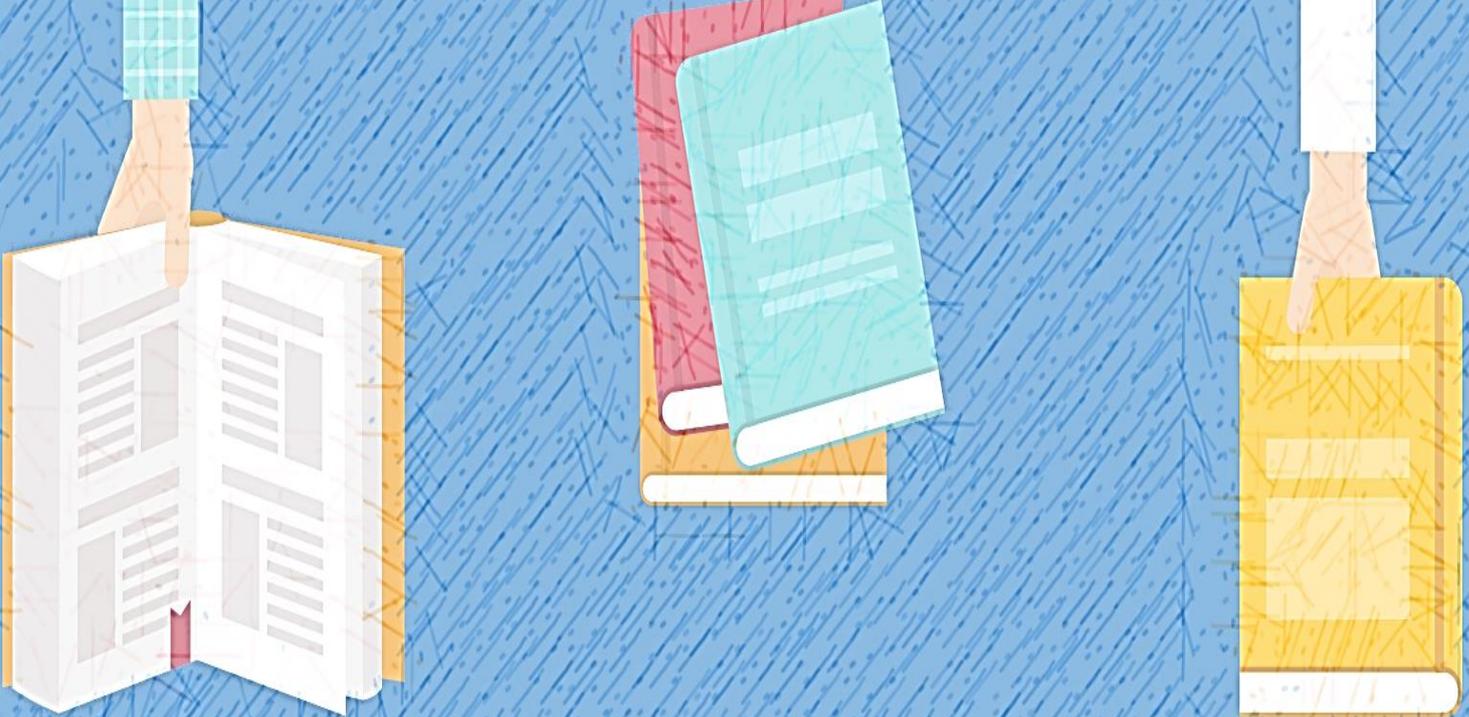
Para refletir

Ao organizar um Clube de leitura não esqueça de: definir o tipo de Clube; escolher o lugar dos encontros; divulgar a ideia, por meio dos murais, redes sociais ou face a face; marcar o encontro inicial; estabelecer um cronograma para os encontros; definir as obras a serem trabalhadas e discutir as obras lidas pelo grupo.



Desafio

- ✚ Você que ainda não faz parte de um Clube de leitura, já pensou em organizar um grupo para o compartilhamento de experiências leitoras? Que tal criar um Clube na sua escola, na sua comunidade ou quem sabe, um Clube virtual? Pratique!
- ✚ Você que já participa de um Clube de leitura, já imaginou compartilhar suas experiências e contribuir com a organização de um Clube fora do seu ambiente escolar? Exercite!

An illustration at the top of the page shows three hands holding books. On the left, a hand in a green and white plaid shirt holds an open book with white pages. In the center, a hand in a white shirt holds a stack of books, with a teal book on top. On the right, a hand in a white shirt holds a closed yellow book.

CAPÍTULO 2

A MEDIAÇÃO DA LEITURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES



CAPÍTULO 2

A MEDIAÇÃO DA LEITURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES

Quem é o mediador de leitura?

O mediador é aquele quem dinamiza a leitura por meio de atividades práticas que são (re)significadas de forma prazerosa e instigante. É ele quem facilita a mediação do diálogo entre o texto e o leitor, estimulando-o à aquisição de autonomia e exercício da **compreensão leitora**.

Solé (1998) e Kleiman (2013b) designam **compreensão leitora** como a capacidade que o leitor adquire para a construção de sentidos e para a atribuição de significados ao texto escrito.

Segundo Pimentel, Bernardes e Santana (2007), o mediador precisa mostrar aos jovens leitores que ler é uma atividade enriquecedora, e que dá a oportunidade de se viver experiências gratificantes e a possibilidade dos leitores se tornarem agentes que constroem e transformam a sociedade.

O mediador é um transformador social que, antes de qualquer coisa, precisa ser um leitor. Precisa também, gostar de compartilhar suas leituras, ser comunicativo e estar preparado para receber os diversos tipos de leitores e os não-leitores, fazendo-os compreender que a leitura permite a humanização do sujeito.

É um grande desafio para o mediador de leitura o desenvolvimento de ações direcionada aos jovens, uma vez que estes possuem múltiplos gostos e preferências. Contudo, é necessário que no processo de mediação haja entusiasmo por atividades de produção de significados e de diálogos entre os textos e os leitores em formação. Uma das maneiras de tornar essa prática mais prazerosa é por meio do envolvimento de outras linguagens como por exemplo: o cinema, a música, a pintura, a fotografia, a história em quadrinhos, dentre outros recursos audiovisuais.

Quando se pensa em mediação da leitura, comumente, pensa-se no ambiente escolar, mais precisamente, nas aulas de português ou no espaço da biblioteca. Contudo, é válido salientar que o processo da leitura, que muitas vezes é atribuído apenas à escola ou à biblioteca, deveria ser iniciado na família. Assim como a escola e a biblioteca, a família tem papel imprescindível na formação do leitor e no incentivo à leitura desde a mais tenra idade.

Partindo desse pressuposto de que a mediação ocorre em diversos cenários, no espaço social da família, na escola e na biblioteca, cabe destacar algumas questões sobre os

mediadores (pais, professores e bibliotecários e demais agentes de leitura que se dedicam à missão de contribuir com a democratização da leitura.

A leitura na família

Antes de adentrar no ambiente escolar, o indivíduo já faz parte de uma instituição social chamada família. O ambiente familiar é o lugar onde ocorrem as primeiras relações



interpessoais do sujeito. É nesse ambiente em que deve ocorrer os primeiros ensinamentos para a educação de valores, boas condutas, princípios morais e éticos etc. E, pode-se dizer também, que deve ser o espaço para o ensino das primeiras vivências com a leitura. Segundo o Instituto Pró-Livro

(2016, p.35): “[...] leitura é uma construção que vem da infância, bastante influenciada por mães e pais. A família tem um papel fundamental no despertar do interesse pela leitura, seja pelo exemplo, ao ler na frente dos filhos, ou ao promover a leitura para os filhos”.

No contexto familiar, os principais mediadores de leitura são os pais, tios, avós, dentre outros familiares. As práticas de leitura vão se intensificando quando por exemplo, os pais leem para os filhos e quando estes observam o que os pais leem. Assim, é provável que haja, por parte dos filhos, a reprodução dessa prática, o estreitamento da relação com a leitura e a produção de sentidos que ela pode proporcionar, contribuindo para o desenvolvimento do senso crítico do leitor e para sua compreensão de mundo.

A família precisa estimular a leitura para a formação de leitores desde a mais tenra idade. Nesse entendimento, Bamberger (2002, p.72) dá algumas orientações com relação ao desenvolvimento da leitura no ambiente familiar:

- a) Contar histórias e ler em voz alta para os filhos com a maior frequência possível.
- b) Organizar uma biblioteca pessoal para o filho, apropriada à idade, aos seus desejos, às suas necessidades e à fase de desenvolvimento em que ele se encontra.
- c) Instruir os filhos para gastarem parte do seu dinheiro miúdo em livros.
- d) Zelar para que se reserve algum tempo para a leitura no maior número de noites possível, no qual cada membro da família lerá o seu próprio livro.
- e) Participar da leitura dos filhos, isto é, conversar sobre o que eles estão lendo.
- f) Ajudar os filhos a reconhecerem que podem aplicar e usar o que leem; que os livros dão segurança, luz e beleza à vida.

O leitor que tem contato com a leitura desde a infância, influenciado pela família, tende a dar continuidade às práticas leitoras na juventude, estimulados pela escola e pela biblioteca. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2016), aponta que depois da família, os professores são principais influenciadores de leitura. Desse modo, o item que segue trata sobre a leitura na escola.

A leitura na escola

A escola é um espaço formal de educação onde ocorrem práticas educativas voltadas para o ensino e aprendizagem dos educandos. Neste cenário, os principais atores são os alunos – protagonistas em desenvolvimento – e, os professores – mediadores do processo educativo. No âmbito escolar, dentre as diversas práticas educativas destaca-se a leitura como um dos elementos primordiais para a obtenção do conhecimento.

O professor enquanto mediador, torna-se uma referência para os alunos. É comum os educandos enxergarem os educadores como modelo e buscarem reproduzir o que ensinam ou que praticam. Para tanto, no processo de ensino da leitura o professor precisa gostar de ler e envolver-se com o que lê, pois assim, servirá de estímulo para que seus alunos se tornem leitores (LAJOLO, 2004).

Ao incentivar a leitura, o professor precisa utilizar estratégias que tornem o ato de ler uma prática prazerosa, pois, quando desenvolvida como tarefa obrigatória, o interesse pela leitura tende a se esvaír. A leitura na escola é marcada por múltiplos desafios e fazer com que os alunos leiam é uma questão que perpassa por estratégias metodológicas do ensino da leitura.

Nesse entendimento, Solé (1998) aponta que as estratégias de leitura na escola devem ser objetos de conhecimento e meios para a realização de aprendizagens. Para a autora, a partir do Ensino Médio, a leitura parece seguir dois caminhos: um deles para a melhoria das habilidades dos jovens, familiarização com a literatura e aquisição do hábito da leitura; e o outro a utilização da leitura para o acesso a novos conteúdos de aprendizagens nas diversas áreas que formam o currículo escolar.

Diante das estratégias estabelecidas na interação com a leitura, é fundamental que o professor permita que os alunos possam sugerir os textos e obras que desejam ler, a fim de que a prática leitora seja um processo prazeroso em que os leitores sejam capazes de exprimir opiniões sobre o que leram e adquirir conhecimentos e aprendizagens significativas.

Nas palavras de Pennac (1998, p.13): “O verbo ler não suporta o imperativo”. De acordo com o autor, uma condição para incentivar a leitura é não pedir nada em troca. A leitura deve ocorrer de maneira fluida, sem exigências e, nem tampouco, por meio de cobranças associadas às resoluções de atividades.

Para refletir

É preciso ler, é preciso ler...

E se, em vez de exigir a leitura, o professor

Decidisse partilhar sua própria felicidade de ler?

A felicidade de ler? O que é isso, felicidade de ler?

(PENNAC, 1998, p. 21)



A leitura na biblioteca

A biblioteca é responsável pela preservação da memória, cultura e da informação da sociedade. Uma de suas principais funções sociais é promover o acesso à informação, ao livro e à leitura. Seja ela pública, comunitária, escolar etc., a biblioteca deve ser um espaço de cidadania e um ambiente dialógico de fomento às virtudes e aos valores.

Frente às transformações sociais do mundo contemporâneo, a biblioteca precisa se reinventar e neste cenário multifacetado, influenciado pelo uso das novas **mídias sociais** e **redes sociais**, os profissionais que nela atuam devem acompanhar essas evoluções e ofertar melhores condições de acesso aos usuários.

- **Mídias sociais:** são ferramentas *on-line* que permitem a divulgação e compartilhamento de **conteúdo** e a interação com outras pessoas ao mesmo tempo.
- **Redes sociais:** fazem parte do grupo de mídias sociais e tem como objetivo a criação e manutenção dos **relacionamentos**.

O bibliotecário como mediador entre o livro, o texto e o leitor deve promover ações culturais para que a biblioteca seja um espaço de promoção e estímulo à leitura. As práticas de leitura desenvolvidas na biblioteca devem proporcionar a construção de conhecimento e cidadania com vistas à emancipação social do sujeito leitor.

É essencial que o bibliotecário conheça seus usuários, os saberes que possuem e os quais necessitam, para o estabelecimento de uma relação de comunicação recíproca e atendimento às necessidades informacionais da comunidade. A biblioteca é um bem cultural que deve ser apreciado pela comunidade e como espaço efetivo para o incentivo à leitura e para a formação de leitores ávidos pela aquisição de conhecimento.

Para refletir

- + Quem foi seu primeiro mediador de leitura?
- + Revisite suas memórias e lembre se você já viveu alguma experiência de leitura na escola e/ou na biblioteca. O que essa experiência significou para você?
- + Você acredita que as novas tecnologias contribuem para a leitura e para a formação de leitores?



A mediação da leitura para a formação do jovem leitor de mundo

A leitura é uma forma de comunicação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Ao ler o sujeito entra em contato com diferentes mundos e viaja para lugares que vão além de fronteiras cronológicas e geográficas e, perpassa por tempos e espaços talvez jamais imaginados ou percorridos.

O ato de ler envolve diferentes atores em que os protagonistas são tanto os leitores quanto os mediadores, que buscam a construção de sentidos por meio dos conhecimentos prévios que possuem e através de práticas leitoras educativas que, quando bem direcionadas, possibilitam liberdade, autonomia e emancipação dos sujeitos.

A leitura é emancipatória quando ocorre de forma ativa, produtiva e proativa, promovendo no sujeito a tomada de consciência crítica e política diante do que lhe é apresentado. Segundo Freire (2011) o ato de ler, vai além da decodificação da palavra ou da linguagem escrita e perpassa pela inteligência do mundo. Assim, o autor declara que:

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2011, p. 19-20).

Para o autor, a leitura é um ato inacabado e um ato de simbolização e representação do mundo. E, por ser um ato que nunca se encerra, o leitor se constrói ao longo da vida através de práticas sociais de inserção no mundo. Na perspectiva freireana, o envolvimento com a leitura depende do contexto e do lugar de fala dos sujeitos envolvidos. Implica em relacionar a leitura de um texto às experiências e vivências dos leitores, situando-os no lugar social em que estão inseridos, a fim de que reconheçam aspectos relevantes de suas vidas.

A leitura envolve múltiplas facetas e as inúmeras formas de ler a palavra são constituídas pela leitura de mundo dos sujeitos. Para Freire (2011) a leitura da palavra com a leitura do mundo é designada como leitura da “palavramundo”. De acordo com o autor, a palavra dita flui do mundo através da leitura que dele fazemos, permitindo ao leitor escrever ou reescrever e transformar o mundo de forma consciente.

A leitura de mundo corresponde à representação da realidade e torna-se um processo dialógico e dinâmico quando interage com a leitura da palavra seja esta, oral, escrita, contada, lida, dita, vivida, anunciada, noticiada, cantada, discursada, e diversas outras formas que permitem ao leitor ler a si, ler o outro e ler o mundo.

Conforme Bakhtin (2003, p. 328) “[...] se não esperamos nada da palavra, se sabemos de antemão tudo o que ela pode dizer, ela sai do diálogo e se coisifica”. Nesse entendimento, considera-se que a leitura é um processo dialógico entre leitor e texto, em que uma mesma palavra é capaz de promover diversos significados e pode ser lida e interpretada em diferentes perspectivas de acordo com o olhar dos leitores.

Por meio da leitura descortina-se novos saberes que possibilitam ao leitor o desenvolvimento de múltiplas dimensões que influenciam os aspectos cognitivos, imaginativos, sensoriais, afetivos, culturais, dentre outros que contribuem para a formação do ser humano. Diante do que já fora mencionado pelos estudiosos, ler não é meramente codificar e decodificar signos linguísticos, mas, atribuir sentidos para o texto e dialogar com o autor.

Para Yunes (1995, p.188): “Ler é, pois, interrogar as palavras, duvidar delas, ampliá-las. Deste contato, desta troca, nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida”. Nesse contexto, a leitura proporciona a criação de representações simbólicas constituídas à medida em que se lê, interpreta e compreende o que fora lido.

Os mediadores de leitura precisam estar atentos às características intrínsecas a cada tipo de leitor, considerando que as interpretações que fazem sobre o que leem, ocorre de maneira subjetiva, a partir das suas histórias de vida e das histórias de leitura que possuem. Assim, a leitura deve ser percebida atrelada à situação social do leitor e este, ao atribuir sentido ao que lê, é capaz de modificar suas relações sociais, ampliando sua visão de mundo e adquirindo criticidade em relação à sua condição.



É importante ressaltar que a leitura crítica aqui apresentada, está relacionada à leitura de textos literários, entendendo-se que nem todo texto escrito é um texto literário. Infelizmente, é comum se observar, o estudo do texto literário para fins ortográficos, gramaticais ou apenas limitado ao estudo da estrutura do texto em estrofes, versos, etc.

Para Lajolo (1982, p. 15) “Ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum”. Dito isso, a leitura literária deve ser abordada pelo mediador com a finalidade de atribuição de sentido àquilo que o leitor lê. Deve-se, portanto, levar em consideração tanto o conteúdo do texto literário como os seus significados.

Mas, afinal, o que é leitura literária?

Antes de adentrar à concepção da leitura literária, é importante compreender a definição de literatura. A etimologia do termo vem do latim *litteratura*, que remete a *littera*, cujo significado é letra. Trata-se da arte de escrever, de lidar com as palavras (FERREIRA, 2019).

O termo leitura literária está relacionado à literatura e corresponde ao contato com textos escritos que permitem ao leitor interagir de forma prazerosa com o texto e perceber os discursos presentes nas suas entrelinhas. De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), a leitura literária: “trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, melhor ainda, de ‘letrar’ literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito.” (BRASIL, 2006, p. 54, grifo do autor).

Desse modo, à medida em que lê, o leitor literário desenvolve uma leitura proficiente dos textos de forma prazerosa e competente. O leitor proficiente surge e se transforma a partir de suas práticas leitoras. Assim, de acordo com Cosson (2006) a leitura literária é exercida sem o abandono do prazer, mas de forma comprometida com o conhecimento que todo saber exige.

A leitura literária proporciona o desenvolvimento de sentimentos e emoções, posto que, por meio dela é possível que o leitor vivencie as histórias, se reconheça e se identifique com personagens, e, por vezes, se sinta parte da obra ou até mesmo tenha a impressão de que o texto escrito seja a sua própria história.

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem a renúncia da minha própria identidade. (COSSON, 2006, p.17)

A leitura literária é um recurso fundamental para o desenvolvimento do gosto pela leitura. E mais que isso, é um elemento de mudança social. Cosson (2006, p.40) afirma que “aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas”. Desse modo, a leitura literária contribui para a vida social a partir do instante em que é capaz de possibilitar ao leitor a prática questionadora do mundo, a fim de que o leitor seja capaz de transformar suas condições de vida e de convivência cultural.

[...] o texto comporta uma concepção que não se esgota nele mesmo, mas no diálogo que provoca com o leitor. O diálogo será tanto mais produtivo quanto mais o texto puder possibilitar condições de identificação do leitor com ele, considerando que o autor, ao criar o texto, não tem objetivo de conformar o leitor, mas de tê-lo como coprodutor, parceiro, dando-lhe também possibilidades de criar outros textos. A obra, então, não é apenas um objeto que apresenta uma visão de mundo acabado, mas um espaço que pode contribuir na formação do leitor reflexivo. (RANGEL, 2009, p. 27).

No momento em que o sujeito leitor faz inferências sobre o texto, a leitura literária torna-se dialética e dialógica pois, ao questionar o que fora lido e manter uma interação prazerosa de criticidade frente ao texto, o leitor propõe atitudes significativas para a mudança social. Neste sentido, a leitura literária contribui para a formação leitora ao estabelecer com o texto lido uma interação problematizadora e reflexiva.

No que tange ao estudo da literatura na escola, existem algumas críticas em relação à forma como a leitura literária é apresentada nos livros didáticos, na maioria dos títulos apresentam-se apenas fragmentos e textos com exercícios mecânicos que não estimulam a criatividade, prazer e a reflexão das obras literárias e os demais materiais literários.

Na contramão dessa concepção deturpada, é possível destacar que o texto literário possui dimensões capazes de dialogar com as demais disciplinas e contribuir para a formação crítica do aluno, de maneira que a mediação e interações sociais e culturais proporcionadas pela leitura, sejam geradoras de conhecimento.

Segundo Kuenzer (2002, p. 101): “leitura, escrita e fala não são tarefas escolares que se esgotam em si mesmas; que terminam com a nota bimestral. Leitura, escrita e fala – repetindo – são atividades sociais, entre sujeitos históricos, realizadas sob condições concretas”. Isto posto, depreende-se que a leitura, escrita e fala são caminhos que levam a mundos infinitos

dentro e fora de cada um. Esses elementos devem ser inseridos no contexto do leitor de maneira significativa e condizente com a realidade diária dos jovens, e os autores escolhidos para a leitura literária devem exercer influências positivas no ambiente escolar. Assim, o leitor competente será capaz de preencher lacunas, buscar infinitas significações e apropriar-se dos textos literários para a construção de sentido para o próprio repertório cultural, exercendo desse modo, o **letramento literário**.

Letramento literário: processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Consiste no contato do leitor com obras literárias que implica na ampliação do repertório literário. Trata-se de atividades sistematizadas e contínuas direcionadas para o desenvolvimento da competência literária. (COSSON, 2006).

O letramento literário está intrinsecamente ligado às leituras plurais que o leitor desenvolve ao longo do seu percurso para preencher as lacunas do texto lido. Para a ampliação do seu repertório literário é necessário ao leitor se imbuir de significados extraídos do seu conhecimento prévio, para assim, realizar suas próprias inferências sobre o texto.

Como bem afirma Boff (1998, p. 9):

Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é co-autor *[sic]*. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo em que habita.

Ler o mundo é reconhecer a si mesmo e perceber que sua vida tem sentido diante de múltiplos contextos. A literalidade é subjetiva, o que faz com que um texto literário tenha caráter intrínseco e singular. Também permite que ao leitor transformar e (re)significar suas (re)leituras sob uma nova perspectiva. Nesse entendimento, Pimentel, Bernardes e Santana (2007, p. 82) afirmam que:

Ler é um processo em que o leitor é instigado a desenvolver, por meio do trabalho mental entre as unidades de pensamento, a construção de significados com base nos conhecimentos já incorporados no seu repertório. Significa estabelecer vínculos entre um número cada vez maior de informações. Ler é, portanto, transformar a mensagem escrita em mensagem sonora, compreender, analisar e associar com a realidade.

Ao propor uma leitura é essencial que os textos selecionados abordem assuntos que aos leitores conheçam, que já tenham ouvido falar, ou até mesmo que façam parte de suas histórias. Por meio da aproximação das leituras com a realidade dos leitores, e a partir da indicação de obras ou textos convidativos e com o vocabulário relativamente conhecido, é possível que os levem a sentir o prazer da leitura.

Para refletir

- ✚ Como foi sua primeira experiência com a leitura?
- ✚ Você se lembra de suas primeiras viagens literárias?
- ✚ Como os textos literários foram apresentados para você?
- ✚ Quem foram seus mediadores de leitura?
- ✚ O que os mediadores solicitavam: fichas de leitura, trabalhos sobre livros lidos, redações ou lia-se apenas por prazer?
- ✚ Você acredita que a leitura literária pode ser um instrumento para a aquisição de criticidade?



A cultura e a leitura como elementos de emancipação do jovem leitor

Ao propor uma atividade leitora, é importante que o mediador perceba a aproximação das leituras à realidade dos leitores, a fim de que os jovens percebam que são reconhecidos por possuírem identidades diversificadas. Além disso, é fundamental sensibilizá-los a se perceberem como seres singulares e protagonistas de suas próprias histórias.

Dependendo de suas vivências e manifestações culturais, a leitura atrai alguns leitores e influencia seus cotidianos. Assim, a leitura está relacionada à cultura, pois cada um faz a leitura de mundo de acordo com os sentidos constituídos por meio de suas experiências de vida. Desse modo, pode-se dizer que a leitura de mundo é exercida com os olhos da cultura, ou seja, cada leitor enxerga o mundo sob sua perspectiva, exercendo assim, sua autonomia.

Nessa perspectiva, vale destacar a menção de Freire (2000, p. 88), que de forma ilustrativa, narra a história de vida de uma camponesa de Pernambuco que enxerga na leitura e na escrita uma possibilidade de transformação social e cultural:

Quero aprender a ler e a escrever, disse, certa vez, camponesa de Pernambuco, para deixar de ser sombra dos outros. É fácil perceber a força poética se alongando em força política de que seu discurso se infundiu com a metáfora de que se serviu. Sombra dos outros. No fundo, estava cansada da dependência, da falta de autonomia de seu ser oprimido e negado. De “marchar” diminuída, como pura aparência, como puro “traço” de outrem. Aprender a ler e a escrever mostraria a ela, depois, que, em si, não

basta para que deixemos de ser sombra dos outros; que é preciso muito mais. Ler e escrever a palavra só nos fazem deixar de ser sombra dos outros quando, em relação dialética com a “leitura do mundo”, tem que ver com o que chamo a “re-escrita” [*sic*] do mundo, quer dizer, com sua transformação. (FREIRE, 2000, p. 88, grifos do autor).

Diante de suas inúmeras vivências, das relações que estabelece consigo mesmo e com os outros é que o leitor constrói sentido e significados ao que lê e se transforma, tornando-se capaz de ler o mundo e reescrevê-lo a partir das experiências humanas que se tecem, inventam e reinventam nos seus cotidianos e que contribuem para o desenvolvimento de sua criticidade e formação de sua identidade cultural.

Segundo Kuenzer (2002, p. 101), ler significar “[...] em primeiro lugar, ler criticamente, o que quer dizer perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção”. A afirmação da autora só reforça o que vem sendo discutido ao longo desta obra, considerando-se que a aquisição da criticidade por meio da leitura estabelece a marca sociocultural do sujeito, sendo um patrimônio de sua cultura.

Em sua obra “Ensaio sobre o conceito de cultura”, Bauman (2012) discute que a cultura consiste no conjunto de normas, regras, valores para a convivência em sociedade e além disso, pontua a cultura como prática libertadora de toda forma de alienação e opressão. Ainda para o autor, as manifestações culturais são elementos primordiais da práxis humana, pois, permite ao sujeito o exercício da atitude livre e criativa, contrapondo-se ao adestramento e controle da sociedade.

Diante disso, pode-se afirmar que a cultura é a forma de interpretar o mundo e se inserir nele, atribuindo-lhe sentido e posicionando-se frente aos desafios que ele apresenta. Entende-se que a cultura possibilita interações diversas e a sociabilidade, ela é expressada de forma simbólica, por meio de gestos, sons, visão, o olhar e tudo o que gera sensação, significado e sentido. Dessa maneira, os sentidos permitem que os sujeitos interpretem e sejam interpretados e assim, e que sejam capazes de fazer leituras das pessoas, dos hábitos, dos gostos, das produções, enfim, da leitura de mundo.

Segundo Dayrell (2007) as culturas, como expressões simbólicas, manifestam-se na diversidade e ganham visibilidade por meio dos mais diferentes estilos, que têm no corpo e seu visual uma das suas marcas distintivas, que influenciam diretamente as culturas juvenis. O autor afirma ainda que:

A música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual, dentre outras formas de expressão, têm sido os mediadores que articulam jovens que se agregam para trocar ideias, para ouvir um “som”, dançar, dentre outras diferentes formas de lazer. Mas, também, tem se ampliado o número daqueles que se colocam como produtores culturais e não apenas fruidores, agrupando-se para produzir músicas, vídeos, danças, ou mesmo programas em rádios comunitárias. O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam de marcar uma identidade juvenil. (DAYRELL, 2007, p. 1109-1110).

No momento em que conhecem a realidade que os cercam e se reconhecem como protagonistas dela, os jovens tendem a avançar para uma aprendizagem mais significativa e muitos deles tornam-se não apenas leitores, como também produtores de histórias - quer sejam elas escritas ou oralizadas, mas, que são produzidas por suas vivências ou pelo imaginário.

Vale ressaltar ainda, que as formas de expressão cultural e apropriação de linguagens dos jovens vêm sendo influenciadas diretamente pelas tecnologias e pelo fenômeno cultural do uso das redes e computadores, tecnologias da informação e comunicação, interação virtual, ou seja, pela **Cibercultura**.

Cibercultura: cultura da expansão das redes informacionais, como por exemplo: a internet. Está relacionada à sociedade, à cultura e às novas tecnologias. É fruto do **Ciberespaço** (meio de comunicação que emerge da interconexão mundial dos computadores que consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global. (LÉVY, 2010, p.17).

Cabe destacar que os livros digitais (*e-books*) são produtos da **cibercultura**. No olhar de Eco (2003) as informações antes difundidas por meio dos manuscritos, evoluídas para os impressos em papel, e, também disseminadas por meio das mídias como CDs, DVDs, *e-books* surgiram para brilhar nas telas dos computadores e são elementos literários que contribuem para o acesso às leituras como bens imateriais.

A cultura em que o virtual e o digital possibilitam diferentes modos de acesso à informação por meio de dispositivos de comunicação, suportes eletrônicos, dispositivos móveis (*ipads, smartphones*) dispositivos digitais (*e-books*) etc., é decorrente do mundo globalizado que pressupõe como condição de participação, o domínio da leitura e da escrita para acompanhar a evolução frenética com que as informações se propagam. De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil:

Para chegar a essa “socialização” da leitura, os recursos buscados pelos jovens são muitos e as redes sociais também desempenham papel fundamental: assim, são produzidos fanzines, blogs, vlogs, sites, eventos de *cosplay*, os jovens frequentam lançamentos de livros de seus autores prediletos e noites de autógrafos, vão a bienais do livro, assistem a entrevistas. Nesse contexto, livros e leitura passam a ter um valor simbólico positivo e agregador, ou seja, a literatura se demonstra “na moda” e deixa de ser vista como atividade escolar, coisa apenas de nerds. Não ter lido ou não estar lendo uma obra em evidência pode significar estar “por fora” e perder prestígio no

grupo. É dentro dessa lógica da socialização das leituras realizadas que germinaram, por exemplo, os *booktubers*, jovens que, em vlogs bastante populares, dão dicas para outros jovens sobre livros, lançamentos editoriais, títulos associados a determinados gêneros literários, etc., criando tendências e fazendo escola. (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p, 90, grifo do autor).

Nesse contexto, é fundamental que a escola, a biblioteca, a família ou outras instituições formadoras mediem a leitura e orientem os jovens quanto ao uso das redes sociais como aliadas ao processo de leitura e formação de leitores.

De acordo com Soares (2004, p.48), “ato de ler tem sido ao longo da história uma prerrogativa das camadas dominadoras; sua assimilação pela camada de base popular denota a vitória de um elemento indispensável não somente à preparação cultural, como ainda à modificação de suas categorias sociais”. Muito mais do que o valor simbólico, a leitura deve ser apresentada a estes jovens como elemento de emancipação e de compreensão de mundo.

Nessa mesma prerrogativa, Foucambert (1997) afirma que a distinção entre leitores e não leitores espelha-se na divisão social entre poderosos e excluídos, entre as classes que dominam e as que executam. Para as classes dominadas, a leitura surge como elemento de mudança social, como instrumento contra a alienação cultural, política e social. Já dizia Saviani (2018, p. 55) que: “[...] o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação”.

A leitura, se realizada criticamente, possibilita a tomada de consciência da realidade humana por meio da compreensão, interpretação e transformação do mundo. Metaforicamente, o mundo é um livro que precisa ser lido, compreendido, noticiado, comunicado, informado e, é na relação com o mundo e com o outro que o sujeito leitor constrói seus significados e sentidos.

Para Pimentel, Bernardes e Santana (2007, p.83), “a leitura é completa quando o leitor é capaz de viver o texto, dialogar com as palavras impressas, quando ele consegue entrar no imaginário do autor refazendo o percurso da criação”. De acordo com os autores, todo bom leitor é um coautor, pois recria o texto de acordo com suas vivências e constrói uma visão mais ampla de mundo.

Assim, o leitor competente é autônomo em suas ideias e em seus ideais e, ao longo de sua vida e diante de suas experiências leitoras, constrói seu repertório e seu acervo de vivências compreendendo o que lê e o mundo que o cerca. A leitura crítica e reflexiva possibilita ao leitor o confronto de ideias, permite que ele tire suas próprias conclusões. Assim, parafraseando Kleiman (2013a) existe uma leitura para cada leitor num mesmo momento e uma leitura diferente para o mesmo leitor.

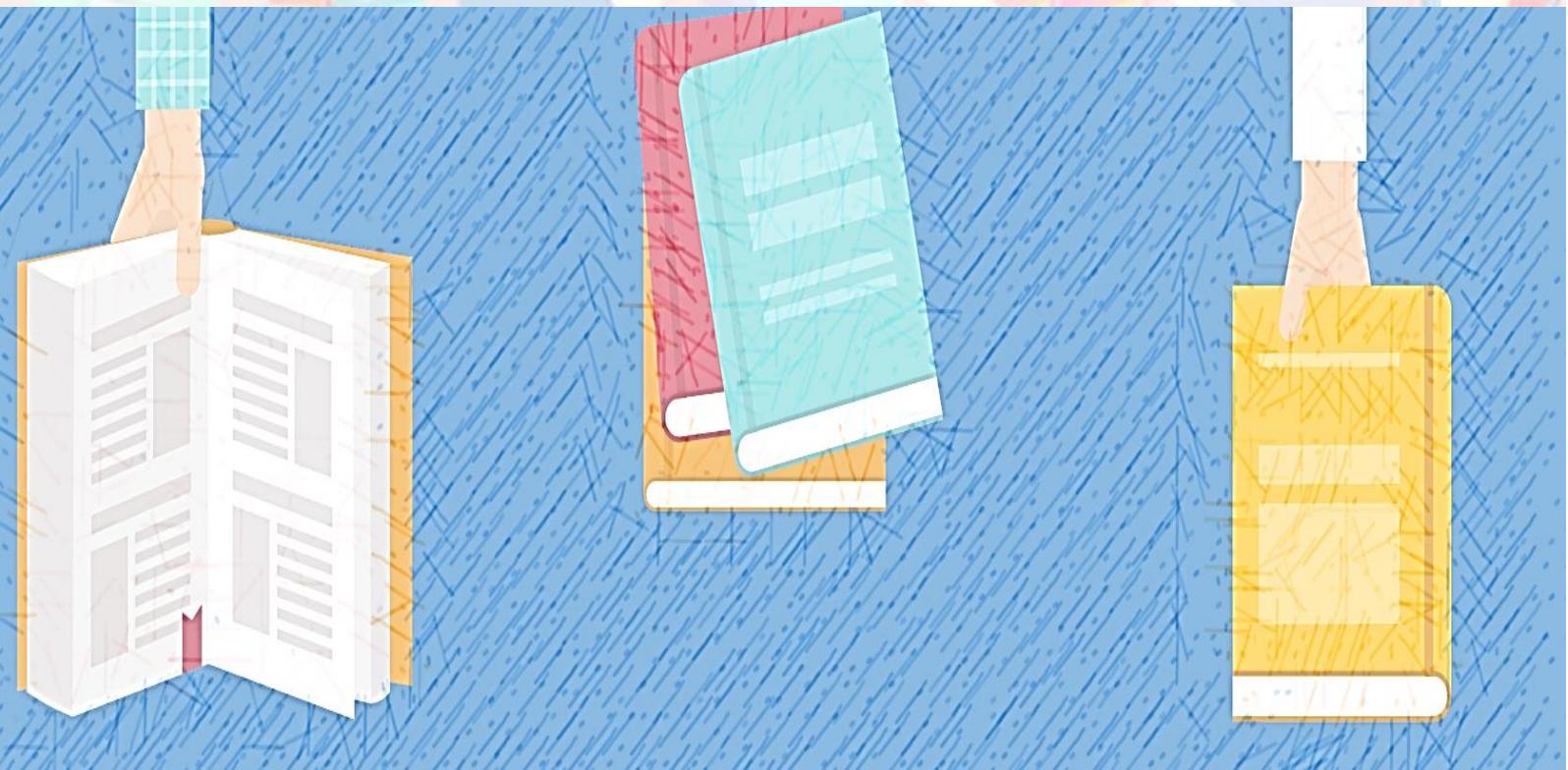
Dito isso, a leitura crítica influencia na formação de opinião e, conseqüentemente, na tomada de decisões. Seja a leitura recreativa, educativa, instrutiva, afetiva, criativa, formativa, qualquer que seja, ao ser exposto a diversos tipos de leituras e ao escolher o texto, o mediador deve conhecer o perfil do leitor, bem como, quais os conhecimentos ele traz consigo, uma vez que convive com diferentes formas de linguagem, e, geralmente, não lê só na escola, mas também fora dela.

É comum os jovens se identificarem com a música, pintura, fotografia, cinema, dentre outras materialidades linguísticas e discursivas, que se associadas às práticas leitoras, contribuem para o aumento das possibilidades do jovem interagir de forma mais direta com a leitura, exercendo sua autonomia e amadurecendo suas competências como leitor. O leitor competente seleciona o que lhe interessa, e à medida em que lê torna-se mais crítico, exige a leitura com mais conteúdo, que lhe possibilite uma interpretação mais profunda.

Para refletir

- ✚ Você acredita que literatura tem uma influência expressiva e um poder transformador na vida dos sujeitos?
- ✚ Alguma obra marcou sua infância? Se sim, tente reler essa obra e descubra quais novas impressões experiências você vivencia.



An illustration at the top of the page shows three hands holding books. On the left, a hand in a green and white plaid shirt holds an open book with white pages and a yellow cover. In the center, a hand in a red shirt holds a stack of three books: a red one at the bottom, a yellow one in the middle, and a teal one on top. On the right, a hand in a white shirt holds a closed yellow book with white pages.

CAPÍTULO 3

*PRÁTICAS DE LEITURA:
(inter) ações e (re) encontros*



CAPÍTULO 3

PRÁTICAS DE LEITURA: (inter) ações e (re) encontros

Nesse tópico, apresenta-se ações voltadas para o incentivo às práticas leitoras, a saber, a indicação de práticas educativas a serem desenvolvidas em Clubes de leitura que possibilitam aos sujeitos o desenvolvimento de (inter) ações e (re) encontros com leitura, consigo mesmos e com os outros. Falar em leitura é muito mais do que concentrar-se com um livro na mão. A leitura é dinâmica e possui inúmeras atribuições de significados. Ao escutar a melodia de uma canção, ao apreciar uma pintura, uma fotografia, ao sentir sabores, cheiros, ao tocar e manipular um objeto, enfim, fazemos leituras a todo instante por meio do que se ouve, se vê e se sente.

Como sugestões para as vivências literárias, *antes da leitura* é fundamental a preparação do cenário e do ambiente que receberá o leitor. Nos encontros do Clube de leitura denominamos essa prática de acolhida literária. Geralmente, realiza-se uma dinâmica de interação para aproximação dos jovens leitores. Antes de iniciar a leitura de uma obra, deve-se fazer a demonstração da capa do livro e introduzir a obra como uma breve biografia do Autor.

Durante a leitura, seja ela individual, silenciosa, coletiva, oral é interessante relacionar o texto lido com outras atividades paralelas à leitura das obras, tais como produções cinematográficas, sessões de cinema, visitas culturais, exibição de vídeos literários, leitura comparativa com outras obras que abordem a mesma temática etc.

Depois da leitura é relevante (re) produzir o que fora lido através de práticas como encenação teatral, ilustrações, música, dança, literatura de cordel, debates, produções textuais (diários de leitura), jogos de leitura, dentre outras atividades com o objetivo de socialização e disseminação da informação.

Sob essa perspectiva, aqui são descritas práticas de leituras diversificadas tais como: indicações de livros, filmes, documentários e músicas que envolvem a leitura; instruções para a organização de feira literária; propostas de oficinas de leitura; formações para contação de histórias para crianças; dicas para realização de encontro com escritores, lançamento e divulgação de livros e demais obras dos docentes e discentes da escola, dentre outras atividades.

Conversas sobre livros

Uma atividade bastante utilizada nos Clubes de leitura são conversas sobre livros. Essas conversas podem acontecer tanto virtual, por meio de grupos de mensagens instantâneos, grupos de discussões em redes sociais etc., como também presencialmente. Para tornar essa prática mais dinâmica e prazerosa, uma sugestão é iniciar a abordagem indagando sobre “Os livros da vida”. Pode-se perguntar aos leitores qual o livro mais marcante como também, qual a pior experiência de leitura. Assim, tanto o mediador da leitura, quanto os demais participantes saberão dos gostos e preferências uns dos outros.

A realização de partilhas de leituras permite a interação entre os membros do Clube, possibilita a divulgação de leituras e autores, além de revelar as diversas experiências que uma mesma leitura provoca nos leitores, suscitando diferentes interpretações e vivências que oportunizam a ampliação do debate sobre um tema.

A atividade pode culminar com o registo, no diário de *itinerância* ou num caderno próprio de anotações, em que pode ser feita a (re) produção do que foi lido, por meio da transcrição de uma passagem, um comentário, um desenho que ilustre uma passagem, uma crítica literária, etc. Estes registos podem ou não ser socializados dependendo da autorização do leitor.

Rodas de Conversas

Semelhante à atividade supracitada, as rodas de conversas promovem a discussão sobre as literaturas, e, comumente são realizadas de forma presencial. As rodas de conversas correspondem a um espaço em que as leituras compartilhadas ganham fruição para discussões e debates. Como o próprio nome revela, na roda de conversa os leitores são organizados e



círculos ou semicírculos, de forma que todos se entrelhem, facilitando a comunicação.

O encontro do grupo pode ocorrer na biblioteca, numa livraria, na residência de um membro do grupo ou em qualquer outro ambiente propício à troca de informações e indicações de leitura. O

mediador da leitura deve exercer o papel de incentivador dos leitores durante a realização das discussões. Assim sendo, para tornar o processo bem dinâmico, é interessante que o mediador promova rodas de conversa, nas quais os leitores possam sugerir livros, textos, filmes, documentários, dentre outros elementos que possibilitem o compartilhamento e a discussão com o grupo.

Vale ressaltar ainda, que ao promover os debates o mediador deve ser criativo e evitar perguntas simplórias que não rendam muitas discussões, como por exemplo a clássica pergunta: “De que fala a obra? ”. Uma sugestão para gerar boas discussões é a utilização de indagações como: “Que expectativas você tinha sobre a obra? Antes da leitura, o livro parecia atraente? Você se identifica com alguma personagem na história? Você conhece outros livros, filmes, documentários que tratem este tema? Você pode resumir a obra numa palavra ou numa frase? Que relevância tem o tema da obra para sua história de vida?

De acordo com Ferreira (2009, p. 75), “no trabalho com a leitura, o mediador, ao buscar a interrogação sobre os vínculos ideológicos da manifestação artística e o desvelamento dos processos de dominação do jovem leitor, colabora com a emancipação desse leitor”. Nessa perspectiva, no decorrer dos encontros, as leituras realizadas devem ser comentadas em grupo favorecendo a troca de impressões e possibilitando novas perspectivas de leitura. Ao interagir com os outros leitores e compartilhar suas leituras, o jovem expõe sua ideia posicionando-se criticamente ao explorar temas, personagens, o contexto histórico ou sociocultural, dentre outros aspectos da mensagem que o autor quis transmitir.

A Rede de Bibliotecas Escolares (2015, p. 5) apresenta um breve roteiro que orienta os mediadores de leitura à discussão das leituras realizadas.

1. Leia em voz alta excertos de um livro/ de um artigo/ o início de uma notícia;
2. Relacione os acontecimentos do livro ou do texto com acontecimentos do dia-a-dia/ experiências de vida;
3. Acompanhe a leitura com música de fundo;
4. Incentive a leitura de um livro, mostrando uma passagem do filme baseado no livro;
5. Fale sobre um aspecto especial do livro/ texto: personagem, enredo, tempo histórico, etc.;
6. Refira aspectos interessantes da vida do autor, se achar pertinente;
7. Termine a apresentação de um livro/ texto criando curiosidade nos outros membros;
 - Se o grupo tiver lido o mesmo texto, prepare uma discussão: Escreva várias perguntas em cartões e distribua-as pelos membros do clube (pode ser por pequenos grupos de 2 ou 3 elementos). Cada elemento/pequeno grupo responde à pergunta que lhe coube;
 - Utilize algo que estimule a reflexão à volta do texto: mapas, fotografias, quadros, comida, vestuário, música, filme;
 - Selecione uma passagem do livro/ texto, um diálogo, uma ideia e peça aos membros para a comentarem;
 - Selecione uma personagem principal e solicite aos membros que conversem sobre ela (personalidade, influência no decorrer da história e outras personagens);
 - Peça aos membros para falarem sobre outros livros/ textos do mesmo autor.

Contação de histórias

A contação de histórias é uma prática que envolve performance, emoção, prazer, fruição e vivência. Trata-se de uma narração literária que visa aproximar o leitor e também, o não-leitor e da leitura. Faz parte da tradição oral e subsiste ao longo dos tempos. Acredita-se que desde que existe a linguagem o homem conta histórias, pois, essa prática é muito antiga, a exemplo disso, pode-se mencionar os contos de fadas, as lendas, as fábulas que são tradições orais que se transformaram em bens culturais da humanidade.

Convém destacar que além das histórias literárias, a contação de histórias também é empregada nas cantigas de roda, nos contos populares, nos “causos” da medicina caseira, e na reprodução de tantos outros costumes antigos que possibilitam o resgate cultural das narrativas. O discurso popular ecoa que “a arte de contar histórias é uma arte sem idade”, ou seja, independe de faixa etária e promove a relação de troca entre diferentes gerações. Contar ou ler histórias é um ato de troca e, geralmente, os mediadores são como espelhos para o leitor.

Na interação contação de histórias – leitor/ouvinte, existe uma figura fundamental para o contar histórias, é a figura do mediador, este que se utiliza da voz, do olhar, da expressão corporal, dos gestos e da entonação para prender a atenção do ouvinte. Além disso, para tornar a contação de histórias atrativa, o mediador pode lançar mão de recursos como: o próprio livro, encenação poética e teatral, musicada, recursos visuais, fantoches, dedoches, indumentária de personagens dentre outros elementos convidativos.



Além do mais, para que a contação de histórias seja fluida, o mediador da leitura precisa gostar de ler, ouvir, e sobretudo, de evocar emoções. A história não precisa ser decorada e sim, contada de coração e com emoção sem fugir da fidelidade do enredo. Por mais que o mediador tenha suas próprias conclusões, ele não deve emitir juízo de valor sobre as obras, e, nem tampouco, apontar a moral ou aplicar lições aos ouvintes.

A leitura literária é simbólica e possibilita leituras plurais, de forma que cada ouvinte interpreta e adapta o aprendizado, de acordo com sua maturidade, incorporando ou não o que foi aprendido como exemplo de vida. Portanto, cabe ao mediador estimular a reflexão dos ouvintes e deixar que eles construam seus sentidos e significados.

Para refletir

TV CÁTEDRA UNESCO. A importância da contação de histórias na formação de leitores. Entrevista com Eliana Yunes. [S.l.: s.n.], [201-?]. 1 vídeo (3 min 56s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CoUY6QW9KNg>. Acesso em: 12 ago. 2019.



Saraus Literários

Os Saraus Literários também são ações práticas em que é possível aliar a literatura à música, à poesia, tornando o contato com a leitura mais prazeroso. Para a realização de um sarau literário é necessário selecionar temas específicos da literatura e apresentar aspectos literários de forma convidativa, por meio da música, do recital de poesias, poemas, cordéis etc. Ou até mesmo, agir com mais ousadia e estimular a produção de paródias, repentes, rap, e outros estilos musicais que revelem a diversidade cultural dos leitores.

Encontro com autores/escritores

Essa ação é demasiadamente, relevante para os leitores e autores. A ação propõe a leitura de obras de determinado(s) autor(es) e, em seguida, o encontro do leitor com o escritor. O objetivo dessa prática é aproximar o leitor da obra e do seu criador, a fim de que juntos possam estabelecer uma relação de cordialidade. Nesse encontro, é possível também, a troca de experiências entre autor e leitor, uma vez que aqueles que escrevem e aqueles que leem podem questionar, ser questionados, indagar, tirar dúvidas, tecer comentários, fazer elogios e críticas sobre a obra.

Feiras de livros

Para a realização da feira de livros, convém combinar, antecipadamente, com livrarias, livreiros e editoras sobre a possibilidade de expor seus itens e disponibilizá-los para a comercialização. Após essa confirmação, deve-se organizar o espaço e os estandes para

exposição e venda dos livros. Além da comercialização de livros, é interessante também a oferta de oficinas, minicursos, palestras, debates que abordem temas literários.

A feirinha de livros não, necessariamente, precisa acontecer no espaço da biblioteca. Ela pode fazer parte do calendário escolar e ser realizada no tanto escola ou fora dela, a fim de atender a comunidade em geral.

Oficinas de produções literárias

As oficinas de produções literárias visam proporcionar aos leitores que também sejam escritores de suas próprias histórias. Essa atividade propõe estimular o ato de escrever e socializar os escritos produzidos. Por meio dessa prática, o sujeito leitor é motivado a se expressar criticamente frente ao texto e produzir os seus próprios textos, que não sejam necessariamente resenhas ou resumos dos livros, mas, histórias inéditas ou inspiradas em algum livro ou personagem.

Ao criar seu próprio texto, o leitor é levado a refletir e buscar na memória experiências vivenciadas, leituras realizadas e outros aspectos relevantes que o embasa a escrever diálogos, criar personagens, descrever cenários e ambientes, narrar fatos etc. Essa prática visa contribuir com a socialização e disseminação da informação e com o compartilhamento de leituras e da escrita.

Pratique!

- Para exercitar a produção literária:
- ✚ Escreva o diário de alguma personagem que você gosta.
 - ✚ Narre fatos e situações vivenciadas por ela.
 - ✚ Agora acrescente neste livro uma personagem de um livro lido anteriormente.
 - ✚ Fique à vontade para (re) criar histórias utilizando-se de elementos característicos da linguagem escrita.



Sugestão de leitura: PYATT, Claire. **Confissões de uma vilã de um conto de fadas:** a irmã nem tão feia assim de Cinderela. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

Diário de Itinerância

Em se tratando de produção e escrita no item supracitado, remete-se ao Diário de itinerância - que consiste num diário coletivo, que é redigido por sujeitos que registram suas experiências de leitura para recordarem e socializarem com os demais membros de um grupo.

Essa prática estimula o leitor a escrever e narrar suas próprias interpretações das leituras realizadas. Os protagonistas são os leitores que no processo da escrita, narram e refletem sobre seus itinerários, descrevem as experiências vividas e expressam suas subjetividades, influenciados por seus contextos socioculturais.

Estante de leitura ou Biblioteca Itinerante

Ainda se tratando de itinerância, a estante de leitura ou Biblioteca itinerante visa promover o acesso à leitura através da disposição de estantes com o acervo bibliográfico itinerante, que é disponibilizado à população socialmente desfavorável à sua aquisição, contribuindo para o processo de formação de leitores e seu bem-estar social.

Para a dinamização desta ação, deve ser elaborado um cronograma que contemple o deslocamento da Biblioteca itinerante a diversos locais, em horários previamente agendados, de modo a atender a comunidade em praças, feiras, mercados de diferentes bairros, vilas e até assentamentos.

A proposta da atividade é possibilitar um diálogo da biblioteca com a comunidade, através da oferta de serviços e produtos – quais sejam: acervos

bibliográficos, materiais de multimídia, etc. que estejam disponibilizados em espaços públicos como meio de incentivar as práticas de leitura à população. Além do acesso aos itens para empréstimos, a Biblioteca itinerante também pode ofertar oficinas de leitura, literatura e artes para a comunidade, auxiliando na alfabetização de pessoas que não tiveram acesso ao ensino formal e promovendo o acesso à cultura artística.



Café Literário

O café literário é bem semelhante às rodas de conversas e às conversas com o escritor. Nessa (inter) ação literária, o mediador, juntamente com os demais membros do grupo conversam sobre suas experiências e realizam atividades de leitura de diversos temas e estilos como romance, crônicas, narrativas, e, por meio de práticas artísticas, culturais apresentam as leituras realizadas como forma de complementação da ação educativa.



O café literário é um momento de compartilhamento de experiências literárias, formação de leitores e práticas de leitura, trata-se de uma partilha intelectual e gastronômica, pois, ao final das atividades, geralmente, servem-se alimentos e bebidas, a fim de que a leitura seja relacionada a algo prazeroso.

Café com Documentário

Semelhante ao café literário, essa ação visa a exibição de documentários relacionados às práticas de leitura ou temas correlatos que buscam promover a criticidade e reflexão do leitor ou espectador.

LiterArte

A Literatura é uma forma de expressão artística. A arte literária é expressada por meio da palavra e consiste no diálogo entre o sujeito e o mundo. A forma de perceber o mundo por meio da literatura estimula a percepção criadora nos leitores/ouvintes e permite a construção de sentidos e, muitas vezes, possibilita a fuga do mundo real para o mundo da fantasia.

Como já dizia o pensamento freireano, a leitura de mundo antecede a leitura da palavra. Assim, a leitura de mundo consiste na percepção do que está ao nosso redor, é uma forma de ver o mundo e compreender a subjetividade, como por exemplo, a leitura de imagens, considerando-se as diferentes expressões artísticas (obra de arte, fotografia, discografia, grafite,

pintura, performance, instalação artística, cinema, dança etc.). A leitura de imagens antecede a leitura da palavra e possibilita também a reflexão e o exercício da memória.

Para refletir

O SILÊNCIO dos livros. [S.l.: s.n.], [201-?]. 1 vídeo (6 min 20 seg). Publicado pelo Blog O silêncio dos Livros. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O1--1nym980&t=306s>



LiteraCine

O LiteraCine é uma prática de leitura que foi nomeada pelo Clube de Leitura *Litteratus*, por se tratar de uma atividade que promove a exibição da versão cinematográfica de um livro. Existem outras variações do nome desta atividade, contudo, o objetivo é ler a obra e, em seguida, exibir os filmes adaptados dos livros, a fim de comprar as duas linguagens e promover o diálogo que as diversas manifestações artísticas mantêm entre si.

Vale ressaltar que não se trata de substituição da leitura em detrimento da apreciação do filme, mas, um complemento para a leitura da obra literária.

Pratique!

Sugestões de produções cinematográficas baseadas em livros:

Clássicos

- 📖 As Aventuras de Robinson Crusóé - Daniel Defoe
- 📖 Dom Quixote - Miguel de Cervantes
- 📖 Memórias Póstumas de Brás Cubas - Machado de Assis
- 📖 O Pequeno Príncipe - Antoine de Saint-Exupéry
- 📖 Triste Fim de Policarpo Quaresma - de Lima Barreto



Best sellers

- 📖 A culpa é das estrelas - John Green
- 📖 A menina que roubava livros - Markus Zusak
- 📖 Código Da Vinci - Dan Brown
- 📖 Como eu era antes de você - Jojo Moyes
- 📖 Crepúsculo - Stephenie Meyer
- 📖 Divergente - Veronica Roth
- 📖 Extraordinário - R. J. Palacio
- 📖 Harry Potter - J.K. Rowling
- 📖 Jogos vorazes - Suzanne Collins
- 📖 O Menino do Pijama Listrado - John Boyne
- 📖 Percy Jackson - Rick Riordan

Saiba mais...

Diante das atividades propostas convém destacar que cada prática de leitura deve ser refletida e adaptada à realidade dos leitores, ponderando-se os contrastes e aproximações entre as múltiplas expectativas dos jovens em seus diferentes contextos. No processo do ensino da leitura literária é imprescindível que o mediador fomente práticas sociais em que o leitor se reconheça como sujeito ativo, tornando-se capaz de exercitar leituras de mundo e de si mesmos de forma crítica, comprometida e criativa frente ao seu contexto histórico, econômico e sociocultural.

De acordo com o Instituto Pró-Livro (2016, p. 89):

Os livros mais lidos hoje pelos jovens costumam estar associados a fenômenos culturais que não se limitam a um dado livro, mas envolvem adaptações e recriações as mais variadas, abarcando filmes, vídeos, peças teatrais, música, videogames, moda, HQ, TV, sites, espetáculos multimídia, aplicativos, enfim, uma grande diversidade de produtos que vinculam cultura e consumo e convidam permanentemente à múltipla fruição e ao trânsito entre linguagens e suportes, fundindo-se variadas modalidades.

Nesse contexto, as (inter) ações e (re) encontros aqui apresentados são considerados possibilidades de relações intra e interpessoais que visam promover o acesso do jovem à leitura, além de sugerir aos mediadores alternativas para a formação do leitor. Assim, com vistas à complementação de práticas que tenham como elemento fundante o texto literário, seguem sugestões de obras literárias, fílmicas, indicação de cursos, dentre outros, cujo foco dos temas e assuntos visam contribuir para a mediação da leitura e formação de jovens leitores.

Indicações de Cursos de Mediação da Leitura

✚ Curso de Extensão Formação de Mediadores de Leitura – 160 horas (a distância)

Instituição: Fundação Demócrito Rocha

<http://ava.fdr.org.br/course/view.php?id=81>

✚ Curso: 10 Cursos de Mediação em Leitura - 10 horas cada curso (a distância)

Instituições: Recode e Cátedra de Leitura - Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio (iiLER) (parceria com a Unesco)

<https://plataforma.recode.org.br/>

- ✚ Curso de Extensão Formação de Mediadores de Leitura – 40 horas (a distância)

Instituição: FURG

<http://www.uab.furg.br/course/index.php?categoryid=95>

- ✚ Curso de Extensão Mediadores da Leitura – 90 horas (a distância)

Instituição: UFRR

<https://www.nead.ufrr.br/index.php/extensao/mediadores-da-leitura>

- ✚ Curso de Aperfeiçoamento e Desenvolvimento Profissional Formação para Mediadores de Leitura – 42 horas (presencial)

Instituição: PUC MINAS

[https://www.pucminas.br/Pos-](https://www.pucminas.br/Pos-Graduacao/IEC/Cursos/Paginas/Formacao_para_Mediadores_de_Leitura_Praca%20da%20Liberdade_9.aspx?pageID=3233&moda=9&polo=7&curso=883&situ=1)

[Graduacao/IEC/Cursos/Paginas/Formacao_para_Mediadores_de_Leitura_Praca%20da%20Liberdade_9.aspx?pageID=3233&moda=9&polo=7&curso=883&situ=1](https://www.pucminas.br/Pos-Graduacao/IEC/Cursos/Paginas/Formacao_para_Mediadores_de_Leitura_Praca%20da%20Liberdade_9.aspx?pageID=3233&moda=9&polo=7&curso=883&situ=1)

Indicação de Obras Literárias sobre leitura

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito pela leitura**. São Paulo: Ática, 2002.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor - alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.

COLOMER, Teresa. **A Formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2003.

DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro; MARCHI, Diana Maria. **A formação do jovem leitor: temas e gêneros da literatura**. Erechim, RS: Edelbra, 2009.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51.ed. São Paulo: Autores Associados, 2011.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 15.ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

MANGUEL, Alberto **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARIA, Luzia de. **O clube do livro**: ser leitor - que diferença faz? São Paulo: Globo, 2009.

MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca Escolar, Eis a Questão!**: do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

MILTON, John. **O Clube do Livro e as traduções**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

SCHWALBE, Will. **O Clube de leitura do fim da vida**: uma história real sobre a perda, celebração e o poder da leitura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

SCLIAR, Moacir. **Memórias de um aprendiz de escritor**. São Paulo: Companhia Nacional, 1984.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 12. ed. Campinas: Papyrus, 2013.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova Pedagogia da Leitura. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Waldeck Carneiro. **Miséria da biblioteca escolar**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymará, 2009.

ZANCHETTA, Sônia. **Organização de feiras de livros**. 3.ed. Porto Alegre: Câmara Rio-Grandense do Livro, 2010.

Indicação de Filmes sobre leitura

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior. Produção: Martire de Clermont-Tonnerre e Arthur Cohn. Intérpretes: Fernanda Montenegro, Marília Pera, Vinícius de Oliveira, Sônia Lira, Othon Bastos, Matheus Nachtergaele et al. Roteiro: Marcos Bernstein, João Emanuel Carneiro e Walter Salles Júnior. [S. l.]: Le Studio Canal; Riofilme; MACT Productions, 1998. 5 rolos de filme (106 min), son., color., 35 mm.

ESCRITORES da liberdade. Direção: Richard Lagravenese. Produção: Richard Lagravenese. Roteiro: Richard Lavagranese, Erin Gruwell, Freedom Writers. Elenco: Hillary Swank; Patrick Dempsey; Scott Glenn, Imelda Staunton; April Lee Hernandez; Kristin Herrera; Jacklyn Ngan; Sergio Montalvo; Jason Finn; Deance Wyatt. EUA/Alemanha, 2007. Duração: 123 min. Gênero: Drama.

MÃOS talentosas: a História de Ben Carson. Direção: Thomas Carter. Roteiro: John Pielmeier. Título original: Gifted Hands The Ben Carson. Estados Unidos: Story, 2009. 1 DVD (150 min)

MATILDA. Direção: Denny DeVito. Produção: Denny De Vito, Michael Samberg, Stacey Sher. Intérpretes: Rhea Perlman, Embeth Davidtz, Paul Reubens, Treacey Walter. Roteiro: Robin Swicord. Música: David Neuman. Estados Unidos: Tristar Pictures, 1996. 1 DVD (101 min).

O CLUBE de leitura de Jane Austen. Direção: Robin Swicord. Produção: John Calley, Julie Lynn e Diana Napper. Produtora: John Calley. Roteiro: Robin Swicord, Productions / Mockingbird Pictures. [S.L], Distribuidora: Sony Pictures Classics, 2007. 1 DVD (115 min.). Baseado no livro de Karen Joy Fowler. Título original: The Jane Austen Book Club.

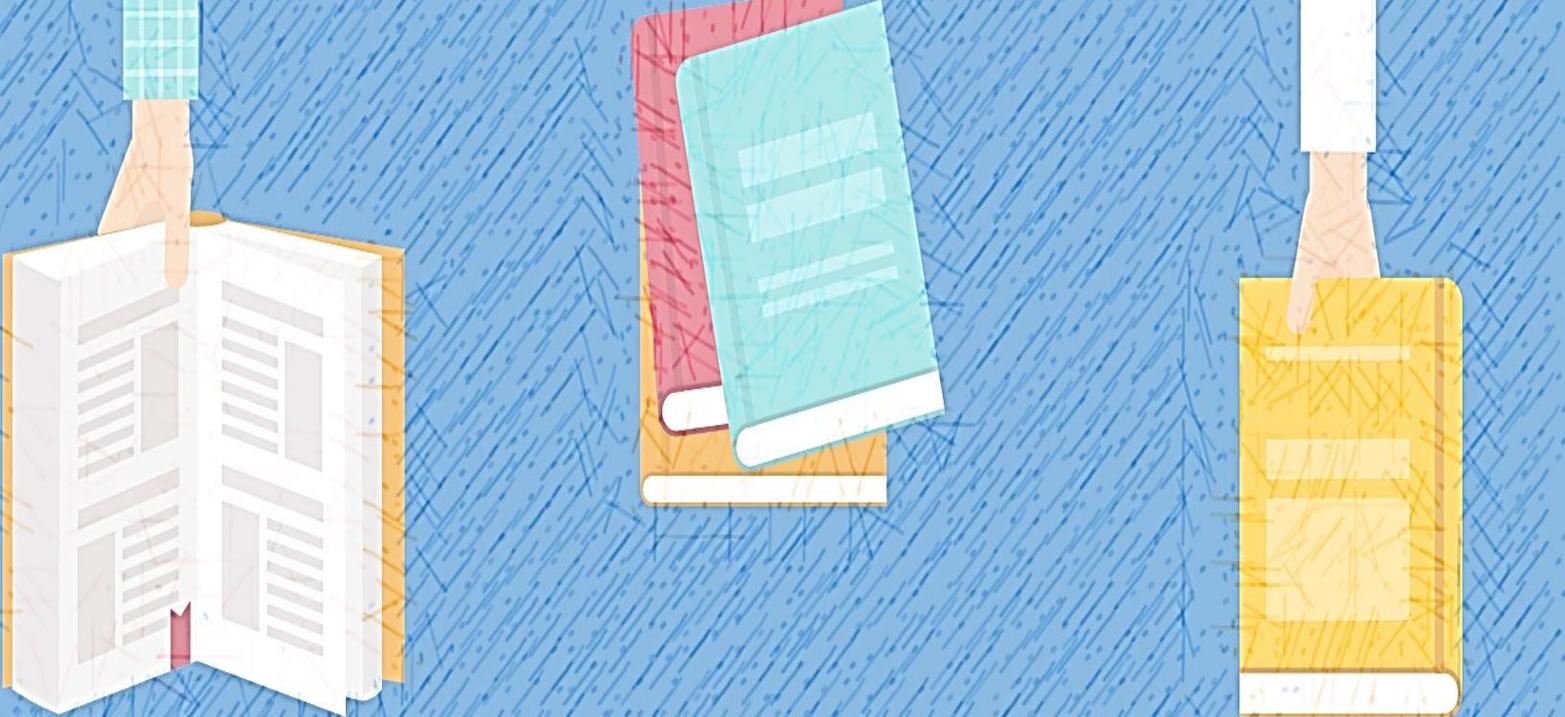
O CONTADOR de Histórias. Direção de Luiz Villaça. Roteiro de Mauricio Arruda, José Roberto Torero, Mariana Veríssimo, Luiz Villaça. Fotografia de Lauro Escorel. Elenco principal: Maria de Medeiros, Marco Ribeiro, Paulo Henrique Mendes. Estados Unidos, Sony Pictures, 2009. 1 DVD (110 min)

O NOME DA ROSA. Direção: Jean-Jaques Annaud. Produção: Bernd Eichinger. Intérpretes: Sean Connery, Christian Slater, F. Murray Abraham. Roteiro: Jean-Jaques Annaud, Howard Franklin. Inglaterra: Cristald film, 1986. 1 DVD (130min).

O ÓLEO de Lorenzo. Direção: George Miller. Produção: George Miller. Intérpretes: Peter Ustinov, Kathleen Wilhoite. Roteiro: George Miller. Estados Unidos: Universal Pictures, 1992. 1 DVD (129 min).

O VENDEDOR de Sonhos. Direção de Jayme Monjardim. Elenco: Dan Stulbach, César Troncoso, Thiago Mendonça. WARNER BROS, 2016. 1 DVD (153 min).

SOCIEDADE dos poetas mortos. Direção: Peter Weir. Intérpretes: Robin Williams, Ethan Hawke, Robert Sean Leonard. Roteiro: Tom Schulman. Inglaterra: Touchstone Pictures, 1989. 1 DVD (128 min).

An illustration at the top of the page shows three hands holding books. On the left, a hand in a green and white plaid shirt holds an open book with white pages. In the center, a hand in a white shirt holds a stack of books, with a teal book on top. On the right, a hand in a white shirt holds a closed yellow book.

CAPÍTULO 4

*NARRATIVAS DE LEITURA:
(re) produção de sentidos*



CAPÍTULO 4

NARRATIVAS DE LEITURA: (re) produção de sentidos

Esse último item que encerra essa obra, apresenta experiências literárias da autora que vos escreve e dos jovens leitores participantes da pesquisa, estes que ao retomarem às memórias cognitivas e afetivas se reconhecem em suas leituras, evocando liberdade e autonomia. As narrativas aqui apresentadas podem ser trabalhadas pelos docentes em suas práticas pedagógicas, pois, caracterizam-se por constituírem-se de múltiplas vozes de sujeitos que compartilham seus repertórios de leituras.

A partilha, o registro e a transcrição de tais narrativas, constitui-se como um material cultural simbólico de enorme riqueza, uma vez que se tratam de narrativas que dialogam com obras literárias descritas por leitores escreventes das suas memórias de leituras. Conforme já abordado ao longo desta obra, não existe escrita sem leitura, muitos leitores também são produtores de textos e, por meio da escrita manifestam-se social e discursivamente.

Como já dizia Freire (2011), a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através da prática consciente. Assim, o leitor que ao ler, interpreta e (re) produz um texto constitui-se num sujeito que se insere e se destaca sócio, político, cultural e historicamente na sociedade.

O narrar a si da pesquisadora

Ao visitar as lembranças acerca do que já vivenciei, meu pensamento revisitou elementos constitutivos da minha vida e que representam capítulos e fragmentos da minha formação identitária. Aqui descrevo uma autobiografia que narra acontecimentos sobre minha trajetória acadêmica, profissional, intelectual e pessoal, bem como minha experiência de vida transformada constantemente pela leitura.

Ao refletir sobre mim e sobre os meus saberes, recordo-me de alguns aprendizados significativos. Sobretudo, procuro destacar os elementos que, marcados por quebras de paradigmas, e por meio das relações estabelecidas com o mundo, possibilitaram a construção de minha trajetória educacional, minha experiência formativa e profissional. Enfatizo ainda, atividades que eu já desenvolvi,

e as atividades que realizo atualmente. E, por fim, revelo as minhas perspectivas de estudo e pesquisa em relação às práticas de leitura.

Minha experiência com a leitura iniciou no ambiente familiar e, meu encantamento pela literatura foi logo na pré-escola, aos 4 anos de idade. Iniciei os estudos na Escola de Educação Infantil Polichinelo, em São Luís - MA. Embora na Escola o ensino fosse denominado tradicional, considerado nos dias atuais, como rudimentar e inibidor do diálogo professor e aluno, gostaria de ressaltar que aprendi a ler e escrever, de acordo com as técnicas apresentadas por professoras ditas tradicionais. Fui alfabetizada e aprendi a ler num livro didático que julgo especial, intitulado “Porta de Papel”.

Dos 7 aos 14 anos de idade cursei o Ensino Fundamental na Escola Polivalente Modelo de São Luís, e em minha trajetória acadêmica me aproximava cada vez mais de inúmeras leituras. Aos 15 anos iniciei o Ensino Médio numa escola da periferia de São Luís. Durante esse período, como forma de complementar a renda familiar, comecei a dar aulas de reforço escolar. Daí surge a minha vocação pelo ensino. Durante a realização de testes vocacionais, as respostas estavam sempre tendenciadas para às áreas de humanas e sociais.

Logo, decidi fazer graduação em Pedagogia. Comecei com muito entusiasmo, ainda que por vezes, as pessoas me perguntassem: “Mas por que Pedagogia? Que coisa sem graça...vai ser professora, apenas vai dar aulas para crianças?”. Ao passar os dias, percebi que cursar uma graduação não é fácil, mas nos faz refletir, pensar e criar novos conceitos sobre a nossa própria educação e, mais ainda, sobre a educação de/para todos.

No ano de 2006 fui aprovada no vestibular para o Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Como leitora assídua, considero a Biblioteca um *locus* de possibilidades de singularidades. Ao me deparar com duas graduações, fiquei completamente em dúvida sobre qual curso continuar e, se teria que abrir mão de uma das formações. Percebi que daria para conciliar os dois cursos, pois, os mesmos eram ofertados em horários distintos. Sobretudo, eram cursos que “conversavam entre si”.

Entre 2006 e 2012, cursei as graduações boa parte delas, paralelamente e, ao longo desse tempo, participei de cursos, eventos, estágios, projetos, dentre outras experiências que foram significativas para o meu desenvolvimento profissional. Em 2010, finalizei a graduação em Pedagogia. Como trabalho de conclusão de curso, defendi os resultados da pesquisa “O papel da Biblioteca Escolar frente às novas perspectivas de aprendizagem: aspectos pedagógicos desenvolvidos por profissionais da educação em escolas da rede pública municipal de ensino de São Luís”, obtendo nota máxima na defesa.

Ao final da graduação em Pedagogia, recebi os Títulos de Honra ao Mérito por destaque de melhor aluna do Curso de Pedagogia 2009.2 e melhor aluna da IES 2009.2, da Faculdade do Maranhão (FACAM). Quanto à graduação em Biblioteconomia, finalizei em 2012, obtendo nota máxima também, na pesquisa intitulada: “Biblioteca Escolar e a Educação Infantil: uma experiência na Escola Semente de Vida”.

No ano de 2011, iniciei a Especialização em Supervisão Escolar, na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). O Trabalho de Conclusão foi um artigo científico, fruto de uma pesquisa bibliográfica intitulada: “Supervisão Escolar na Educação Infantil: controvérsias e expectativas”. Durante essas experiências acadêmicas, iniciei minha trajetória profissional desenvolvendo atividades tanto na área da educação quanto na biblioteconomia. Fui estagiária em bibliotecas públicas e privadas.

Em 2012, fui aprovada no seletivo do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI-MA), para o cargo de Analista Superior I - Bibliotecária. Em 2014, fui aprovada no processo seletivo da Secretaria Municipal de Educação - Prefeitura de São Luís, no qual pude exercer atividades de docência para os anos iniciais da Rede Pública Municipal de Educação.

Também no ano de 2014, prestei concurso público federal, e obtive aprovação em 1º lugar para o cargo de Bibliotecária-Documentalista do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) - Campus Açailândia. Em virtude da aprovação, desloquei-me da capital São Luís para o Município de Açailândia-MA, local em que desenvolvo atualmente atividades de gerenciamento e coordenação da Biblioteca.

A vivência ao longo de 5 anos no IFMA – de 2014 aos dias atuais – tem me rendido incontáveis experiências como por exemplo, a aprovação na pós-graduação a nível de mestrado da Rede Federal de Educação, em Educação Profissional e Tecnológica. Dentre tantas outras atividades, destaco o despertar para a pesquisa e para o desenvolvimento de atividades educativas e participação em projetos a saber: projetos de extensão, como por exemplo, “Arte e Cultura: vivenciando a cidadania”; projetos de pesquisa, com o Grupo de Estudo e Pesquisa em Arte (GEPA), que trata-se de um grupo de produções artísticas, que desenvolve pesquisa e projetos culturais, espetáculos em diferentes linguagens artísticas: teatro, dança e música; e projetos de ensino, como o “Clube de Leitura *Litteratus*” - projeto objeto deste estudo -, que desenvolve ações de fomento à leitura.

Hoje, ao mediar processos coletivos de leitura me reconheço como alguém que (in)forma por meio do desenvolvimento de práticas de leitura que contribuem para a (trans)formação de sujeitos. Sinto-me agraciada por transmitir experiências, que despertam a criticidade e fazem com que os sujeitos percebam que as histórias de leitura agregam a si vivências que perpassam por lutas, labores, labutas e sabores.

Parafrazeando Clarice Lispector “saber é sabor - ler é uma delícia” e, quando essa prática é prazerosa, o leitor ao ter contato com as leituras vê-se cercado de um baquete em que pode se servir de acordo com seus gostos e sabores que deseja provar. Assim, pode-se dizer que a leitura alimenta o corpo e a alma.

Diante das memórias leitoras vivenciadas na minha trajetória de vida e convicta de que ao longo dessa vida muitas experiências ainda irão acontecer, finalizo rememorando o sábio pensamento de Freire (2017, p.50) quando diz: “Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento [...] onde há vida há inacabamento”. Assim, sigo o curso de minha vida certa de que sou um sujeito em construção que se renova a cada saber e a cada experiência vivenciada.

O eco nas vozes plurais dos leitores

Aqui são (re) produzidas narrativas de leituras de alguns jovens leitores sujeitos da pesquisa, em que os jovens se revelam e se reconhecem como sujeitos ativos, a partir de suas próprias produções literárias descritas no diário de *itinerância*.

Meu nome é Ludmilla, tenho 17 anos, e posso dizer que a leitura faz parte da minha vida em quase todos esses anos, e sou imensamente grata por isso. Por ter muitos professores na família, sempre fui influenciada a estar no meio dos livros, e até hoje lembro do meu primeiro resumo de um livro lido, “Sonho de uma noite de verão”, de William Shakespeare. Lembro da minha mãe relatando também ter lido quando criança. São lembranças que jamais serão esquecidas.

Ganhar livros de presente nos aniversários era, com toda certeza, uma das coisas que me deixava mais feliz. A leitura transforma pessoas, e as pessoas transformam o mundo. A paixão pela leitura me influenciou em uma das decisões mais difíceis da vida de um jovem, que é a escolha por sua formação superior. Minha escolha foi o Direito e acredito que a leitura é o meu caminho para que eu concretize esse sonho.

(L.S., 17 anos)

Já dizia padre Antônio Vieira: “O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive”. Essa frase resume muito a minha paixão em relação a leitura, durante toda minha caminhada literária, minha vida em boa parte se deve aos livros.

Eu comecei a ler bem cedo, acho que com uns 5 anos já sabia ler, gostava de ler tudo, manchetes de jornais, placas de ruas, tudo [...] mas, tem algo que nunca que esqueço é de quando li meu primeiro livro... lembro muito bem da capa, do cheiro dele, era de Monteiro Lobato, “Reinações de Narizinho”, para ser mais preciso! Eu ficava maravilhado com todo aquele universo de histórias, ricas em detalhes, personagens maravilhosos, um turbilhão de aventuras que se passava no mais modesto dos sítios.

Acredito que o que mais me marcou mesmo foi isso, o lugar onde se passava a história, todas aquelas aventuras, se encaixavam na minha vida. Naquela época, durante as férias do primeiro semestre do ano, eu ia muito para fazenda dos meus avós, e sempre levava meus livros. Aquele lugar dava um toque a mais na leitura prazerosa que eu mantinha com aquele livro.

Os anos foram se passando e cada vez mais o amor pelos livros aumentava, por vezes, cheguei a matar aula para continuar lendo na biblioteca. Esse amor pelos livros também foi incentivado pela minha tia que era diretora da escola que estudei no fundamental, ela falava muito sobre o quão bom era ler, que nos conectava a outro mundo, e de fato era verdade. Quando eu estava lendo, era como se eu fosse teletransportado para outra dimensão... eu esquecia de tudo, problemas pessoais, tristeza, tudo e isso me dava uma sensação boa, acho que todo adolescente que ler sabe dessa sensação, essa fase da vida é cheia de dificuldades e quando temos um instrumento tão maravilhoso como esse tão perto, tão acessível, é algo que nos motiva a sempre querer mais. “Os livros são a anestesia da alma”, essa frase define muito bem o que é o ato de ler.

É isso, eu sei que sem leitura, ninguém é nada, sem história o mundo é tão...ESCURO. São as histórias que nos inspiram, os personagens que amamos, os lugares que sempre nos fazem querer estar dentro do mundo descrito, a leitura é essencial na vida de todos.

E agora depois de viver em tantos mundos tantas histórias tantos personagens resolvi criar meu próprio universo com meus próprios heróis e vilões, escrever se tornou até mais prazeroso do que ler, essencialmente por eu estar dando vida às minhas próprias histórias. É um processo lento porque não são todos os dias que estamos semeados de imaginação então o melhor a se fazer é não forçar, afinal o hábito de escrever tem força própria quando menos esperamos estamos escrevendo!

(G. M., 16 anos)

Antes de se apaixonar pela literatura, o jovem Carlos Josué adorava escrever. Ele tinha 8 anos quando por inspiração de um desenho (Doug), que passava na TV Cultura, escreveu seu primeiro diário. Daí danou escrevendo sobre suas aventuras em um pequeno bosque perto de sua casa, sobre sua melhor amiga que deixara ao se mudar pouco tempo atrás, histórias e tudo que conseguia achar sobre animais em livros e no programa Cultura Mundo.

Sua modesta gramática de criança não o impedia de escrever histórias, Lágrimas de uma Serpente foi sua primeira e As Aventuras do Homem Codorna seu primeiro e último HQ, escritos quando tinha 10 anos. "O Primo Basílio" foi um marco em sua vida, a partir dele o jovem Josué se enamorou pelo romance de época, com "Divergente" mudou sua paixão para romance de ficção, com "O Universo em uma Casca de Noz" mudou de novo, agora para cosmologia. E como Augusto (de A Moreninha), o jovem leitor se mostrava inconstante em suas paixões pela literatura (inconstância essa que pendura até hoje).

Eu, o tal jovem leitor, me sinto muito bem quando leio um bom livro. Para mim, ler é respirar no mundo dos autores, é se vestir dos personagens que brotam de suas imaginações e explorar realidades alternativas. Bem, a literatura deixa a vida mais interessante e me conta não só sobre os personagens, mas também sobre seus criadores.

Escrevo de roteiros para peças da escola a textos com tudo o que sei sobre astrofísica. Quero sempre ser um leitor e escritor amador, pois como a própria Clarice Lispector disse, a responsabilidade da profissionalidade aborrece. Os livros às vezes esvaziavam meus bolsos, mas sempre refrescam meu cérebro e enchem meu coração.

(C.J., 17 anos)

Meu nome é Joarlysson Lima Araújo, tenho 15 anos e sou apaixonado pelo mundo da literatura. Bem, a minha história como leitor infelizmente não começou na infância, mas com o pouco tempo que me apaixonei pelos livros já senti a diferença que a literatura tem na minha vida. Sempre fui estimulado pela escola a gostar dos livros, mas achava a leitura uma coisa chata e banal. Na minha família nunca tive uma influência com relação à leitura. Um dos motivos provavelmente é que nem todos tiveram acesso ao mundo dos livros. Todos nós sabemos que os preços de livros no Brasil são bastante elevados. Mas isso não impediu que eu tivesse acesso ao mundo mágico da literatura. No ano de 2018, quando estava jogando um jogo, vi uma propaganda de um aplicativo chamado Wattpad. Esse aplicativo era uma

plataforma onde os fãs podiam escrever e publicar suas obras. Bem, a partir desse momento a minha curiosidade falou mais alto. Baixei o aplicativo e conheci o livro "Anjos do Anoitecer". O livro era simplesmente sensacional, nunca tinha visto uma história tão fascinante. Despertei o gosto pela leitura e conheci outras fan-fic dentro da plataforma.

Saí do Wattpad e fui atrás de obras profissionais. Nunca me esqueço de quando despertei a vontade de ler a saga "Harry Potter. Foi uma das melhores escolhas que já fiz em toda minha vida. Essa saga me transformou, todos os livros, sem exceção, são maravilhosos. Me apaixonei por todos os personagens, mas o meu favorito era Severo Snape. A história do começo ao fim é surpreendente. J. K. Rowling com certeza é a minha escritora favorita.

Depois que terminei a saga comecei a ler outros clássicos como "A culpa é das estrelas" e a saga "Percy Jackson". O meu maior desejo como leitor é me transformar e transformar as pessoas ao meu redor. Agradeço muito por ter entrado no IFMA - Campus Açailândia, pois a instituição possui uma biblioteca muito bem estruturada, cheia de livros que estão à disposição dos alunos. Mas a melhor coisa que aconteceu foi eu ter descoberto o Clube de Leitura, um grupo de pessoas que amam ler como eu. Me sinto feliz e grato por poder compartilhar as minhas leituras com outras pessoas.

(J. L. A., 15 anos)

A Leitura

*Para mim boa leitura
é a que me faz sonhar
que abala as estruturas
sem me mover do lugar
que mexe com sentimentos
com o meu consentimento
e me deixa delirar*

*A leitura na verdade
é navio em alto mar
uma nave no espaço
uma fonte a jorrar
é água pra quem tem sede
e deseja saciar*

*É sombra no dia de sol
fogueira na noite fria
consolo para a tristeza
luz na hora mais sombria*

*é também voo rasante
e no momento agonizante
acalma com maestria*

*Nela quem quer viajar
encontra belos destinos
não precisa de passagem
nem dela ser clandestino
apenas se concentrar e
começar imaginar
que os lugares vão surgindo*

*Leva-nos para um lugar
onde o tempo nunca passa
onde nunca houve idade
onde não existem raças
onde tudo é mais bonito
e o belo nunca visto
sempre mostra suas farsas.*

(S. R., 17 anos)

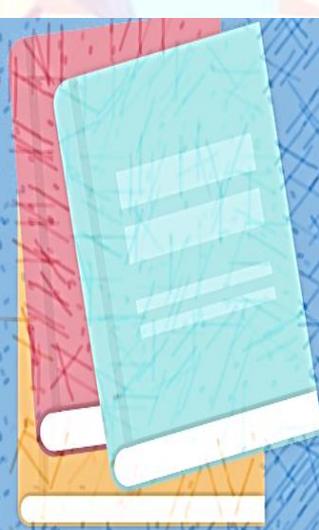
Em todos os anos escolares, meu lugar favorito em todos os colégios que já passei sempre foi a biblioteca. Como uma “magia”, essa é a palavra capaz de definir o que eu sentia e sinto quando leio. Ainda criança, percebia que biblioteca ostentava prateleiras de livros de toda espécie de coisas que me fazia sentar no pequeno tapete do espaço, cercada por livros de fantasia, gibis e revistas de ciências que me faziam esquecer que o recreio talvez já tivesse acabado ou, que eu chegaria um pouco mais tarde para o almoço.

É digno de lembrar como, por muitas vezes, eu assisti “A Bela e a Fera”, versão da Disney de 1991, pela identificação que eu sentia vendo Bela como leitora e, por todo o sentimento de euforia assistindo a cena que Bela descobre a biblioteca rica da Fera. Além deste, outros títulos infantis influenciaram minha vida como um todo e minhas leituras surgiam tanto por meio de produções audiovisual, quanto em livro (o que por vezes caracterizava metalinguagem, que eu amava) posso destacar algumas obras como: Peter Pan, Turma da Mônica, Castelo Rá Tim Bum, O Menino Maluquinho, Sítio do Pica Pau Amarelo e muitos, muitos outros. Todas essas obras me ensinaram o valor da leitura, aprendizagem e curiosidade.

Com o passar dos anos eu aumentei gradativamente os gêneros de leitura e estilos de texto que eu consumia, sempre notando positivamente como cada um tem seu conteúdo valioso a ser absorvido. A partir dos 13 anos, época em que entrei no ensino médio, tive mais contato com textos científicos, dissertativos, poéticos; foi quando comecei a ter maior atividade na escrita também, algo que anteriormente eu não podia imaginar como me causaria um prazer tão semelhante quanto o da leitura.

Se uma definição pessoal for necessária, posso dizer que a leitura e escrita, códigos tão belos em suas complexidades, representam para mim um impossível alcançável, tudo aquilo que você não pode na realidade, é possível dentro de um texto. A expressividade que um autor é capaz de transmitir a um leitor não apenas conecta duas almas diferentes, mas as mantém eternamente tocadas uma pela outra; a do autor, sabendo que suas palavras estão agora voando também em mentes alheias, quanto a do leitor que tem um novo pensamento, uma nova visão de mundo, que jamais lhe será tirado da mente. Minha alma colorida, que já foi tocada tantas vezes por mentes brilhantes, agora sente também o desejo de transmitir tudo aquilo que ela emana por meio de arte de escrever.

(L. L., 18 anos).



(RE) CAPITULANDO



(RE) CAPITULANDO

Ao findar este escrito, espera-se que as ações apresentadas para a concepção e dinamização de um Clube de Leitura contribuam para a formação de leitores, uma vez que as memórias e as práticas leitoras aqui descritas visam estimular o leitor à reflexão a sobre sua autonomia, tornando-se crítico e consciente frente à sua atuação no mundo.

As atividades sugeridas tendem a dar visibilidade à família, à escola e, principalmente, à biblioteca, enquanto espaços de mediação da leitura literária, (re) significadas por meio da implementação de ações concretas de leituras que buscam propiciar, lazer, cultura e emancipação aos leitores e à comunidade. Assim, ressalta-se a importância de se oferecer uma biblioteca aberta, interativa, com espaço livre para a expressão dos jovens leitores.

Considerando que leitura literária é simbólica, subjetiva e possibilita (re) leituras plurais e diferentes interpretações, as atividades sugeridas não tem o objetivo de propor uma avaliação formal, mas, fomentar a leitura prazerosa que atraia os leitores, fugindo da obrigação e perpassando pela liberdade, possibilitando ao jovem leitor atribuição de sentidos à leitura praticada.

Assim, as práticas de leitura e as narrativas descritas colaboram para a troca de experiências que a leitura proporciona, à medida em que é praticada de forma crítica, sendo capaz de promover a emancipação do sujeito diante da sociedade.

Diante disso, a mediação da leitura vai além do literal, e pode ser re (significada) com as (re) leituras dos jovens que estão em constante descoberta do mundo, buscando cada vez mais investigá-lo e apropriar-se de tudo. Dito isso, a mediação não acaba ao término dessa obra, pois, através dela muitos aprendizados acerca do lido serão adaptados por meio da (re) produção de sentidos, perpassando por todo o cotidiano e vivências do leitor.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Começando um clube do livro. 2019. Disponível em: <http://www.ilovelibraries.org/booklovers/bookclub>. Acesso em: 24 jul. 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/Semtec, 2006.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes?: reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- ECO, Umberto. **Sobre literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. A leitura dialógica como elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida. In: SOUZA, Renata Junqueira. (Org.). **A biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009. cap. 3, p. 69-96.
- FOUCAMBERT, Jean. **A Criança, o Professor e a Leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 55.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1978.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016. *E-book*. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf. Acesso em: 28 jun. 2019.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. Campinas. 15. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013a.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 15. ed. Campinas SP: Pontes Editores, 2013b.

KUENZER, Acácia (Org.). **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 3. ed. Cortez, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LITERATURA. *In*: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. p. 390. Versão eletrônica.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Mediadores de Leitura na Família, na Escola, na Biblioteca, na Bibliodiversidade. *In*: NEVES, Iara Conceição Bitencourt; MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil (Org.). **Mediadores de leitura na Bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf/ SEAD/UFRGS, 2012. cap. 4, p. 41-63.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES. **Clube de leitura**. Lisboa: Rede de Bibliotecas Escolares, 2015.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 43. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

SOARES, Magda. Letramento e Escolarização. *In*: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

YUNES, Eliana. **Pelo avesso: a leitura e o leitor**. Curitiba: Editora da UFPR, 1995.




**INSTITUTO
FEDERAL**
Goiás


PROFEPT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA